



*Desenho de Pichina Sen.*

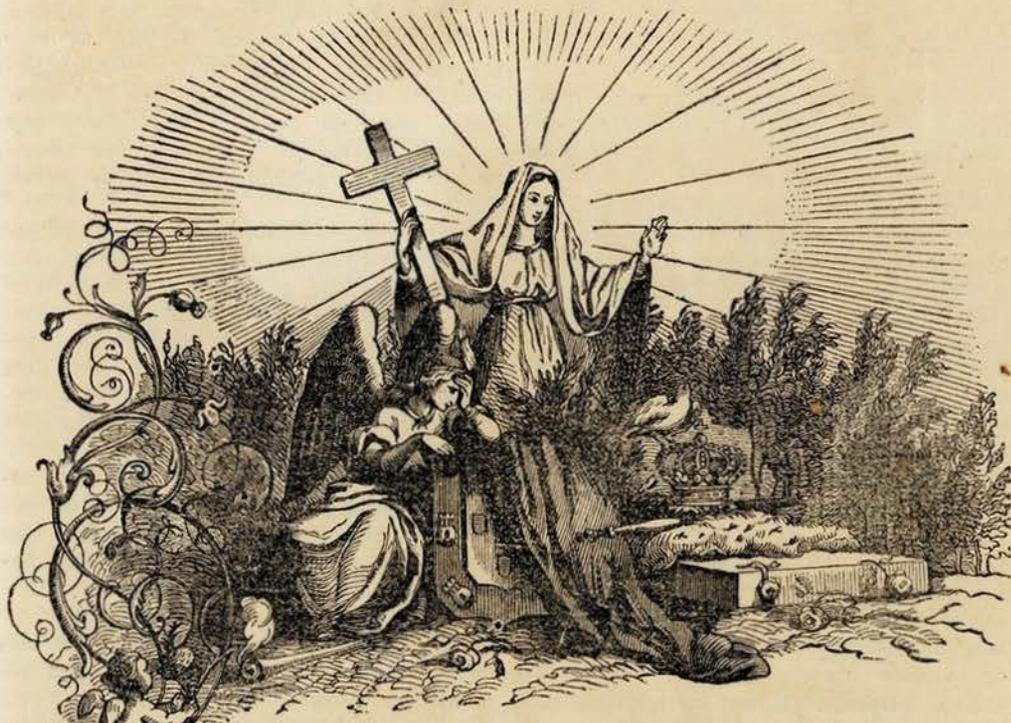
*Gravado por...*

*Litho. Augustinho Bessa N.º 2009*

CHEGADA A S. VICENTE DE FÓRA DOS RESTOS MORTAES DE S.M. FA RAINHA A SENHORA D. MARIA II.

## O FUNERAL, A RELIGIÃO E A MONARCHIA.

19 DE NOVEMBRO DE 1853.



**N**a apreciação directa dos factos pelo nosso espirito, acaba a razão onde começa a crença? Haverá occasiões em que a voz intima da consciencia nos diga ao interrogal-os, — podeis pensar; e outras em que, parecendo ante vellelhes uma origem sobrenatural ou divina, nos diga simplesmente, — orae e acreditae? Julgámos que não. Para nós todos os factos têm uma só origem, mais ou menos remota; uma mesma explicação,

mais ou menos directa, mas que não prohibe de modo algum o pensamento, — é Deus. Assim a razão não acaba onde começa a crença, pelo contrario esta é o seu mais bello attributo, a sua qualidade mais indispensavel, o seu complemento mais imprescriptivel; e mal de nós quando uma vez se separam; porque a razão só sem a crença é o suicidio e a desesperação nas grandes crises da vida individual; é o aniquilamento e a destruição nos grandes transtornos do viver social; porque a crença só sem a razão é o suicidio do pensamento, a mais bella criação da Divindade; é a renegação do verbo pelo desprezo das suas obras

mais completas; é a mysantropia universal contrariando as primeiras e as mais visíveis indicações da Providencia — a sociabilidade. É no primeiro caso a esposa cynica de Herbert, a deusa symbolica da razão, a receber, nos altares burlescos de um culto sem divindade, as adorações grutescas dos assassinos da Lamballe e de Bailly, — e a França a nadar em sangue. — Era no segundo uma nova Thebaida a regorgitar de homens asceticos, que traduzissem a sublime palavra de virtude pela simples abnegação dos prazeres, e abandonassem a sociedade aos seus vicios, o homem ás suas tribulações, o mundo aos seus desvarios, sem uma palavra de admoestação, sem uma inspiração de charidade, sem uma demonstração severa de reprobvação!

A crença nunca pôde separar-se da razão, porque é assim que ella traduz fielmente os mais bellos, e os primeiros preceitos transmittidos na revelação.

Perguntae ao viajante perdido no meio dos Alpes, quem o arrancou á morte certa que encontraria entre os gêlos, preparando-lhe um asylo protector n'esse mosteiro, que a piedade esclarecida pela razão soube edificar no cume d'aquelles montes?

Perguntae ao recém-nascido abandonado por seus paes, quem lhe franqueou, na casa dos expostos, outra mãe officiosa; ao doente sem recursos, quem lhe abriu as portas do hospital; ou quem lhe trouxe, para junto do seu leito abandonado, essas mulheres, symbolo da maior das virtudes humanas, mais intrepidas do que os guerreiros que vão á brecha affrontar a morte, porque aquella a que se expõem é toda ingloria, sem boletins, sem commemoração; — as irmãs da charidade, — esses pobres soldados de Christo, que andam sempre á procura de lagrimas para enxugar, sem ás vezes fazer correr nem sequer uma só de gratidão! Acaso seria a crença, seria a razão sómente, que levasse a prodigios d'estes?

A cultura do espirito, tendendo diariamente a approximar o homem da sua origem primitiva, concilia diariamente estas duas faculdades, que homens desvairados têm procurado separar, tanto que se tem hoje conseguido demonstrar pela razão, factos que ha quarenta seculos recebemos pela crença.

O naturalista, estudando attentamente as camadas das formações secundarias, rouba á natureza o grande segredo da idade do mundo, e a primeira vez que as pôde contar, acha exactamente a mesma, que lhe assignam os livros sagrados!!!

O historiador e o viajante procuram pelos dialectos os vestigios dos passos dos descendentes de Noé. As raças Japethianas, Semitica e Chania, não escondem de tal maneira a sua marcha que estes as não encontrem; têm, contudo, de partir da analyse para a synthese, da circumferencia para o centro; e notam, com effeito, as linhas de separação convergindo para um ponto, determinam-o, e esse é exactamente o cume do Ararat, d'onde a Biblia nos havia dito, que partiram os filhos de Noé!! O diluvio universal não está hoje demonstrado pelas mais rigorosas investigações da sciencia? A theophania quasi que é já um facto historico. O castigo de Sodoma e Gomorrha; a origem do Mar Morto, passarão talvez em breve a factos plenamente verificados pelas indagações historicas, como já quasi o estão. Para que é, pois, separar da crença; e dar aquella por finda, quando esta tem de começar?

A aparição d'Ourique virá acaso contrariar o que deixámos dito? Pertencerá só á crença? Excluirá a razão? Não o discutiremos nós; facto verdadeiro, ou piedosa invenção para robustecer os brios dos pelejadores, Deus véla em todo o caso pela monarchia portugueza: quereis vê-lo demonstrado pela razão, como o recebemos da fé?

Abri os mappas; a pequenez do nosso sólo, os nossos limites naturaes fadaram-nos ao jugo estranho, como tantas nações, que outras mais poderosas avisinham. Uma batalha perdida era a perda de toda a existencia.

Pois bem. — Abri agora as folhas da historia. — Essa batalha nunca se perdeu. A resistencia parece brotar espontanea d'este sólo; as tentativas malogram-se; se não basta o herroismo, praticam-se prodigios.

Que importa que a figura veneranda do Salvador dos homens se estampasse effectivamente em fogo nos céus nebulosos das terras de Ourique, ou que apparecesse simplesmente em mystico extasi á imaginação piedosa do primeiro dos nossos reis? Que lhe annunciava essa aparição? Que o seu reino seria abençoado pelos céus, que o reinado da sua descendencia seria dilatado, e que essa nacionalidade, jámais extincta, seria tambem protegida pelo Omnipotente. Casuistas incredulos, a promessa tem-se cumprido. Na primeira tomada de Lisboa, em Aljubarrota, em Montes Claros, nas linhas d'Elvas, na Roliça, em Talavera, Deus velava evidentemente pela na-

cionalidade portugueza... Mas velará ainda?... .

São 19 de novembro; Lisboa, a perola mimosa do Occidente, parece vergar sob uma d'essas impressões de profundo sentimento, que não pôde traduzir-se pelas phrases communs da linguagem humana; é para ellas que Deus creou uma outra expressão muito mais propria, tão propria, que quem a quer fingir atraiçoa-se logo, tão perfeitamente se lê no rosto, quando succede vir do coração, — as lagrimas. — Um acompanhamento funebre caminha a passos lentos e vagarosos. — Vem dos paços dos nossos reis.

É uma Rainha roubada ao seu povo, é uma Mãe tirada a seus Filhos, é a Esposa virtuosa arrebatada ao Esposo desvelado. — Se as lagrimas estão em todos os olhos, a dôr em todos os corações, — velará ainda Deus pela monarchia portugueza?...

Em torno d'esse feretro, que lentamente caminha, não admireis a pompa mundana que o circumda; perante os cadaveres ha apenas eloquentes, a cruz e o pranto, — a religião e a saudade. — É sob este aspecto que o consideraremos. — Às beiras d'este sepulchro a voz eloquente da saudade fallou viva e energica; fallaria por ventura a voz mais pura, mais eloquente da religião?...

Todos os gráus, todas as jerarchias; os talentos, as fortunas, a nobreza, o proprio infortunio, todos pagam a esse acompanhamento o seu tributo de saudade, e todos são alli representados; esta unidade espantosa de sentimentos fez nascer um pensamento vago, uma esperanza mystica; um como instincto fazia antever o prodigio; um desejo ardente o tornava possivel. A força de se debruçar sobre a campa, parecia ao homem, que Deus lhe havia dado a faculdade de sondar os seus mys-

terios... O cortejo funebre vae chegando ao seu destino, que é esse templo coevo das primeiras glorias da nossa monarchia. (\*) Todos os olhos se erguem uma ultima vez para dar a saudosa despedida á Filha Augusta da Casa de Bragança, á Esposa digna, á Mãe virtuosa; eis que sobre o coche que leva a corôa real vem pousar essa ave symbolica da candura, e já pelos livros da nossa crença reconhecida como fiel mensageira das boas novas, e de um futuro mais prospero. Segue constante o coche real, e tranquilla caminha sobre o symbolo da realza.

N'aquelle momento de profunda impressão todos acreditam no prodigio, e no mais intimo dos corações todos disseram, que a religião vinha fallar, como fallára a saudade. E nós, que estabelecemos, que a razão não contrariava a crença, não o poderiamos negar hoje; mas não o devemos asseverar. A idéa magestosa da Divindade paira sobranceira sobre o espirito humano, como na ordem physica o sol ardente no ponto mais elevado do seu curso; todos lhe reconhecem a presença pelos effeitos; mas quem se atreveria a encaral-o em face, sem cegar immediatamente?

Facto natural, providencia fatidica; perguntae, comtudo, aos que no dia 19 de novembro assistiram á ebegada do cortejo funebre ao mosteiro de S. Vicente, aos que viram a pomba pousar sobre o coche real — velará ainda o Omnipotente pela monarchia portugueza? — e a uma voz vos dirão todos, — parece que sim.

F. DE NOVAES.

(\*) Vide a lithographia que acompanha o presente numero, e na qual procurámos, com o maior escrupulo, reproduzir este acto solemne.



## SCIENCIAS MORAES E POLITICAS.

**BELLEZAS DO NOSSO MUNDO. \***

INEDITO DO SR. D. FRANCISCO DE S. LUIZ.



ENTRE as bellezas, que encerra o nosso mundo, e que alguém chamaria enormidades sociaes, deve contar-se com especialidade o empenho com que cada classe deseja o mal das outras, pondo o seu interesse em contradicção com o interesse geral. O *advogado* deseja que haja discordias e contendas entre as familias e pessoas ricas, e que d'ahi resultem grandes, complicados, e interminaveis processos. O *medico* deseja aos seus amados concidadãos febres malignas e perigosas, catharros impertinentes e pertinazes: elle se julgaria arruinado, se todo o mundo tivesse a felicidade de morrer sem doença; assim como o *advogado*, se as demandas se terminassem por arbitros. O *militar* deseja huma boa guerra, em que sejão mortos, ao menos, ametade dos seus camaradas, com tanto que elle fique vivo para promover o seu adiantamento nos postos. O *paroch* he interessado em que a morte se não entregue á ociosidade, e que haja bons enterros a *cóche*. O *juiz* deseja que a estatística dos tribunaes nos forneça ao menos dez mil crimes cada anno; porque se nenhum se commettesse, seria necessario fechar aquelles santuarios da justiça. O *monopolista* e o *atravessador* de cereaes quer que haja huma boa fome, que levante ao duplo, ou triplo o preço dos pães. O *mercador de vinhos* deseja boas geadas, que destruão os

(\*) Conservámos escrupulosamente a orthographia do original, que existe em nosso poder, e é escripto pelo proprio punho de s. em.<sup>a</sup>

(Nota da Redacção.)

gommos, e boas saraivadas, que estraguem as vindimas. O *architecto*, *pedreiro* e *carpinteiro* desejão hum grande incendio, que abraze e consumma cem ou mais cazas. Emfim a nossa civilisação por toda a parte nos appresenta o ridiculo mecanismo das fracções de hum todo, obrando contra esse todo, e desejando-lhe todo o mal possivel.

Mas ainda não pára aqui. A lei religiosa que nós professamos he huma lei de benevolencia universal, de igualdade, de fraternidade, de caridade, de abnegação. Comtudo o rico soberbo e orgulhoso despreza e opprime o pobre desvalido: o pobre inerte, e madraço tem inveja ao rico, e trabalha por despojalo, e trocar as sortes. O branco reduz a barbara escravidão o negro, e o compra, e o vende como a hum animal irracional. O povo estúpido vai assistir e aplaudir o supplicio dos seus irmãos criminosos. Quando meia cidade está entregue aos espectaculos, ao jogo, aos bailes, aos banquetes, aos serões, está outra meia soportando em triste silencio e abandono todas as penalidades da doença, da fome, da miseria. Por toda a parte vemos relaxados os vinculos, que deverião ligar os homens huns aos outros: por toda a parte se observão mutuos receios, temores, desconfianças, odios, animosidades, vinganças: por toda a parte reina a discordia, a lucta, o antagonismo, a anarchia, e a hostilidade, na politica, entre o poder e a liberdade; nas sciencias entre as muitas e desvairadas seitas e opiniões; na moral entre a libertinagem e o fanatismo: nas bellas-artes entre o rigor das regras classicas, e a soltura do romanticismo indefenido; na linguagem entre o archeologismo supersticioso, e o neologismo insensato etc. etc.

Que bello mundo he este, em que vivemos!

Tudo no mundo está em continua mudança; e neste movimento universal o genero hu-

mano he sujeito á duplicada influencia do tempo, e da sua propria actividade; mas poderá acaso dizer-se que a sua marcha he progressiva? poderá dizer-se que elle se adianta para hum termo certo, de maneira que se possa esperar algum melhoramento em seus destinos sobre a terra? ou deverá ter-se por mais provavel, que elle não faz mais que gyrar de continuo n'um circulo voltando sempre ao ponto donde partio, para delle outra vez se apartar, e outra vez tornar ao mesmo ponto?

Para resolvermos esta questão cumpre examinar as nossas faculdades, os nossos diversos trabalhos, e os seus resultados.

Primeiramente observa-se, não sem grande admiração, que a imaginação do homem tão viva, e tão fecunda, he comtudo entre as faculdades do nosso espirito a unica, cujas produções se achão circumscripitas dentro dos mais estreitos limites.

A Poesia, as Bellas-artes, filhas da imaginação, nascem, prosperão, declinão, e acabão em um povo; e renascem em outro, offerecendo-nos sempre os mesmos phenomenos: e não se póde dizer que nos paizes, em que ellas actualmente florecem, os poetas e os artistas obtenhão alguma decisiva e evidente superioridade sobre os seus predecessores.

Alguns escriptores tem seguido, e desenvolvido com muito talento a opinião contraria, pretendendo que a litteratura moderna excede a litteratura antiga; mas estes escriptores seduzidos por hum systema engenhoso, me parecem mais sollicitos de o fazerem agradável, e lisongeiro do que de darem testemunho á verdade.

A poesia percorrendo a Grecia, a Italia, a Hespanha, a França, tem ostentado nestas diversas nações riquezas quasi iguaes. Podem tomar-se indistinctamente versos de Euripides, de Virgilio, de Tasso, de Camões, ou de Racine para mostrar até que ponto de perfeição pode elevar-se o genio nesta divina arte. (\*) O gosto particular de hum povo, algumas circumstancias da sua situação, a differença dos tempos, dos costumes, das instituições pode fazer que hum povo, huma nação, prefira as obras dos seus Poetas ás de todos os outros povos: mas se considerarmos este objecto em geral, e com imparcialidade, facilmente veremos, que os Gregos (por exem-

plo) ainda não forão excedidos na arte de excitar nos espectadores dos seus theatros vivos, e nobres affectos e commoções. Pode compôr-se differentemente, sem compôr melhor. Não: a Litteratura não segue huma marcha progressiva: descreve hum circulo. O povo que succede a outro na posse da gloria litteraria não continua a obra dos seus predecessores; começa-a de novo pizando o mesmo caminho que lhe deixarão traçado.

Trabalhos mais graves e mais importantes do espirito humano apresentão bem differente phenomeno. O poder que o homem tem de recolher factos, de os comparar, de tirar delles consequencias, de crear por este modo sciencias fecundas em uteis applicações: este poder, digo, exercita-se sobre hum amplissimo terreno, sobre hum dominio immenso, a que he impossivel assignar limites. Acresce que nas letras os trabalhos são individuaes, nas sciencias porêm são communs. As riquezas scientificas collegidas de entre todos os povos, e em todas as idades formão hum tesouro, que os nossos contemporaneos augmentão com o producto das suas vigílias, e meditações, e que os nossos vindouros continuarão a augmentar. Logo a marcha das sciencias he progressiva; nós partimos do ponto a que chegarão nossos predecessores, e podemos hir mais longe que elles.

Sem duvida que muitos descobrimentos, muitas artes, muitos inventos se tem perdido. Factos, e processos conhecidos em seculos remotos são ignorados nos nossos dias. Mas, por huma parte, estas perdas são provavelmente de pouco valor: e por outra parte, não se podem temer outras semelhantes no futuro.

O genio achou os meios de dar perpetuidade ás suas obras. A imprensa, e a gravura transmittirão aos seculos vindouros indefinidamente as mais preciosas e uteis invenções. Nem o furor dos conquistadores, nem as revoluções intestinas que devorão os povos, nem os esforços dos mais cegos e barbaros tyranos podem d'ora avante aniquilar as luzes, privar-nos dos seus effectos. Em todas as partes do mundo existem arquivos, onde estão depositados todos os humanos conhecimentos. Hum só paiz civilisado que escapasse aos estragos da barbaridade seria para todos os outros a arca de salvação. Já não cabe no poder do homem destruir a obra do homem: só huma revolução fysica, que abalasse e transornasse o globo até aos seus fundamentos, he que poderia hoje em dia aniquilar as sciencias, e os seus felices resultados.

Hum ser limitado nas suas forças e nos

(\*) Tem-se comparado Racine com Virgilio; mas quando excedeo Racine aquelle « *dulces moriens reminiscitur Argos* — aquelle « *disce puer virtutem ex me; fortunam ex aliis* » aquellas muitas outras frases do Poeta Latino cheias de doce, e celeste melancholia.

seus meios de acção não pode produzir senão effectos limitados: e deste principio se segue evidentemente que os progressos das sciencias, e das artes industriaes não podem ser *infinitos*: mas tudo annuncia, que o espirito humano se hirá exercitando, melhorando, adiantando por huma longa serie de seculos antes de tocar os limites que a sabedoria do Criador lhe prescreveo, e que o homem não pode traspassar.

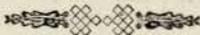
Quem faz conjecturas sobre os progressos possiveis das sciencias, expõe-se ao dobrado perigo ou de ficar muito áquem da verdade, ou de passar por sonhador. Comtudo pode presumir-se que os nossos vindouros se elevarão a descobrimentos tão fecundos em resultados, e tão poderosos para adiantar a civilisação, como forão o da imprensa, e o da bussola. Que influencia se não pode esperar dos balões aerostaticos! da pilha magnetica de Volta! que vantagens se não tem já tirado e se não podem ainda tirar da navegação em barcos movidos por vapor! Simples aperfeiçoamentos, simples applicações do que já existia, por exemplo, a lithographia, o telegrafo, terão acaso hum dia inculcaveis resultados.

Nas sciencias moraes e politicas os progressos são mais difficeis e menos evidentes que os das sciencias fysicas e mathematicas. Estas trabalham sobre a materia inertes: o campo das suas observações he vastissimo, mas estavel, e permanente. A experiencia verifica facilmente a utilidade dos seus descobrimentos, e para fazer applicações certas, basta calcular com exacção. As sciencias porêm que tratão do homem e da sociedade trabalham sobre objectos, que estão em perpetua mobilidade, que se sujeitão mais ao pensamento que aos sentidos: os dados que se requerem para a justa solução dos seus problemas são numerosos, variados, complicados, difficeis de apprehender. Os factos que se vão recolhendo de seculo em seculo para

servir de base a estas sciencias, são sujeitos a interpretações differentes: as theorias, que sobre elles se levantão, nem sempre persuadem igualmente todos os espiritos; e ainda quando parecem demonstradas, occorrem muitas circumstancias que as vem modificar, contrariar, ou fazer duvidosas as suas applicações. Emfim huma mysteriosa lei da natureza quer que os homens nascidos para derramar novas luzes entre os seus semelhantes sejam quasi sempre perseguidos por elles. Os homens superiores offendem o amor proprio dos que não podem igualalos: encontrão os interesses de muitos: os interesses e o amor proprio trabalham por vingar-se, e fazem para este fim torpes allianças.

Se algumas verdades mathematicas tem causado perseguições aos seus descobridores, muito mais imminente he o perigo quando se trata de verdades, que alem de serem de si mesmo menos evidentes, vão tocar em mais extensos e mais graves interesses. Assim, muitos observadores pacificos, temendo a animosidade dos partidos, não ousão aventurar as suas idéas; abandonão a penna a mãos venaes ou facciosas; e o mundo fica privado de obras que serião preciosas, porque serião escriptas de boa fé. Todas estas causas reunidas explicão sufficientemente a razão porque os progressos das sciencias moraes e politicas são menos rapidos. Comtudo para estas sciencias, assim como para as outras he evidente que as gerações successivas podem aproveitar-se das luzes, e até dos erros das que lhe tem precedido; que podem consequentemente illustrar-se cada vez mais, e multiplicar os resultados praticos dos descobrimentos uteis.

He pois (ao que parece) demonstrado pelo raciocinio que a especie humana he susceptivel de progressivo melhoramento. Mas acaso observamos nós nella effectivos e verdadeiros progressos? acaso confirma a experiencia esta theoria tão fecunda em bellas esperanças?



# ALHAMBRA.



## CONTOS DE GRANADA.

(Continuados de pag. 38 do 2.º n.º)

### IV.

#### Dolores.

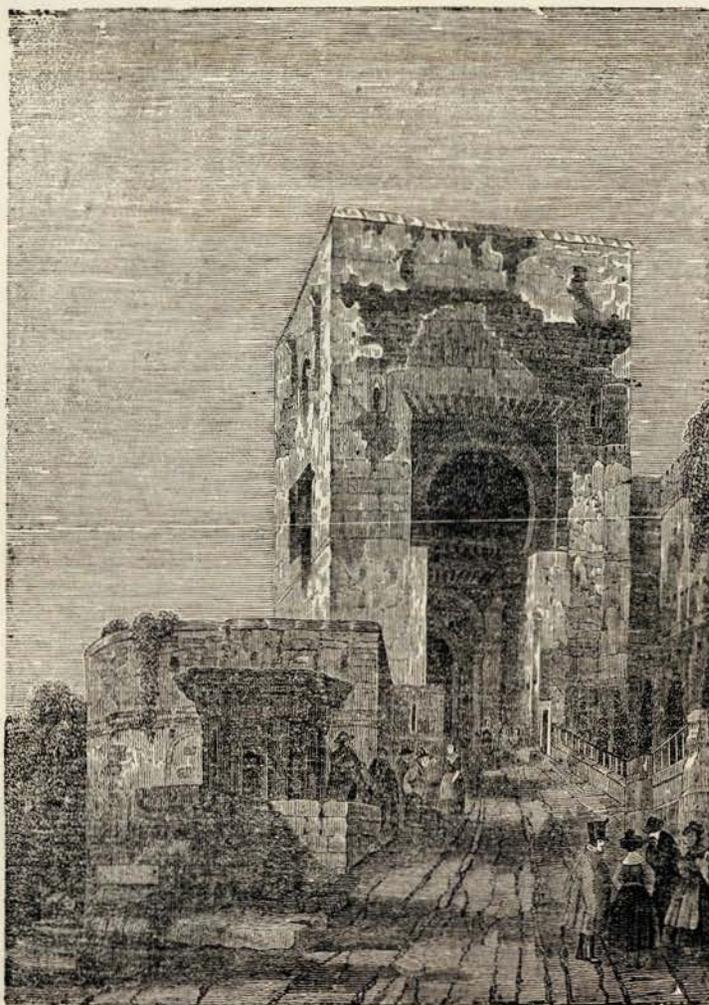


LGUM tempo depois da minha chegada á Alhambra, um terrível successo veio perturbar a vida tranquilla de seus felizes habitantes. Dolores, gostando muitissimo de aves, tinha povoado d'ella todos os pateos do castello, e era a sua maior alegria alimentar estes seus pequenos pensionistas. Encontravam-se alli de todas as especies; porém a predilecção de Dolores havia-se fixado particularmente em dois pombinhos, um macho, outro fêmea, que lhe chegaram até a fazer esquecer a sua gata favorita. Para os accommodar tinha lançado mão de um pequeno gabinete, proximo da cozinha; e os nossos dois pombos alli se entregavam tranquillamente a um terno amor, e julgo bem não suspeitavam, que podesse existir outra felicidade além do gabinete que lhes servia de asylo. Brevemente dois ovos, brancos como a neve, foram o fructo da sua abençoada união. Pensae qual seria a alegria de Dolores, quando n'uma bella manhã viu os esposos unidos um ao outro, chocando com sollicitude a sua chara progenitura. Em quanto os filhinhos tiveram necessidade de seus cuidados, a pomba conservou-se no ninho, e o pombo ia procurar os alimentos. Era uma maravilha vê-los; — mas n'uma manhã, Dolores, dando de comer ao pombo, lembrou-se de o obsequiar com um passeio campestre. Abriu a janella do quarto commum, que dava para o valle que banha o Darro, e sol-

tou o seu hospede para entre os perfumes, que as brisas matinaes aspiravam com o orvalho.

A avesinha, ao principio atordoada, bateu as azas e pareceu cair para o fundo do valle; depois, sentindo de repente sua força crescer com os instinctos da liberdade, elevou-se como uma frecha, voando até ás nuvens. Todo o dia o caprichoso volátil, esquecendo familia e patria, gosou em quanto quiz da permissão concedida, visitando com uma decidida inconstancia todas as grandes arvores da visinhança. Dolores empregou todas as seducções da goludice para o chamar; — cobriu as beiras dos telhados, e os peitoris das janellas da mais appetitosa comida; mas o pombo, esquecido de tudo quanto amava, parecia não ter desejos de regressar. Para maior desgraça contrahiu amizade com dois pombos de outra especie, que tem o extravagante instincto de levarem consigo os outros que desejam divertir-se. Estes senhores lhe fizeram visitar todos os telhados e torres de Granada. Sobreveio uma trovoada, e o inconstante acceitou um abrigo no pombal de seus novos amigos; quando veio a noite nem sequer pensou em recolher-se á sua habitação, talvez por não poder acertar com o caminho. A triste e magoada esposa sahiu em sua procura, e a sua ausencia foi tão longa, que os filhinhos, não tendo ainda pennas, morreram com frio em o ninho abandonado.

Dolores affligiu-se muito, e de noite, já mui tarde, um soldado da guarda veio dizer-lhe que se tinha avistado o fugitivo sobre as torres do Generalife. A familia convocou um conselho, porque a jurisdicção d'este palacio, sendo inteiramente distincta do de



Alhambra, os habitantes d'estas residencias viviam na mais completa rivalidade. Resolveu o conselho enviar o hortelão ao intendente do Generalife, para lhe supplicar, o mais graciosamente possivel, entregasse aos seus visinhos o desertor implumado, no caso de ser prêso em seus dominios; e tudo isto com promessa de recompensa. Porém os passos do embaixador foram baldados; o criminoso não podendo ser prêso, Dolores passou toda a noite em insomnia, chorando o ingrato a quem não tinha cessado de amar.

«Quando nos deitámos tristes, diz o proverbio, levantâmo-nos alegres.» E eu, tendo adormecido muito magoado pelos pesares da linda Dolores, fiquei pela manhã muito admirado, vendo-a alegre como nunca a tinha visto, tendo em seus braços o pombo vagabundo, que cobria de beijos. A encantadora

menina censurava-lhe a sua ingratidão em termos severos, desmentidos comtudo por suas caricias. Contou-me, que desde a aurora, o perfido tinha vindo humildemente bater com o bico nos vidros do pequeno gabinete, e que tinha alli entrado com um ar muito confuso pela sua libertinagem. Mas que ainda assim não lhe podia perdoar, porque evidentemente o seu regresso não era um acto de arrependimento. A avidez, com que tinha almoçado, provava que só a fome o havia resolvido a recolher-se. Dolores, por cautela, cortou-lhe as guias. Conheço *inconstantes* de varias especies a quem Deus, por desgraça das damas, tem dado azas, que infelizmente não podem cair aos golpes das suas thesouras, como as d'este desapareceram para futura segurança da extremosa menina.

(Continúa.)

## LITTERATURA.



## IGNEZ DE LAS SIERRAS.

(Continuado de pag. 52 do 2.º n.º)

## III.



o mesmo instante descor-tinámos, na parte mais es-cura da sala, um phantas-ma branco, que corria pa-ra nós com uma rapidez incrível, e que, ao apro-ximar-se, deixou cair a mortalha. Passou por en-tre nós, porque estávamos de pé, com a mão nos có-pos da espada, e assentou-se no logar de Ignez.

— Aqui estou, disse o phantasma, dando um pro-fundo suspiro, e afastando para os lados os seus com-pridos cabellos pretos, ata-dos descuidadamente com alguns laços de fita cõr de

cereja. Nunca aos meus olhos se tinha apre-sentado uma belleza tão perfeita.

— É realmente uma mulher, repeti eu a meia voz; e visto havermos assentado em que nada podia passar-se aqui, que não fos-se perfeitamente natural, não temos que fazer mais do que pôr em pratica a politica franceza. O tempo explicará este mysterio, se acaso pôde explicar-se.

Tomámos os nossos logares, e servimos a ceia á desconhecida, que parecia aper-tada pela fome. Comeu e bebeu sem fal-lar. Alguns minutos depois, tinha-se esque-cido inteiramente de nós; e cada uma das personagens d'esta scena estranha parecia haver-se concentrado comsigo, immovel e muda, como se tivesse sido tocada pela va-rinha petrificadora de alguma fada. Baseara

tinha caído ao pé de mim, e julgal-o-hia morto de terror, se o movimento convulsivo das suas mãos, que se cruzavam em signal de oração, me não tranquillisasse; Boutraix quasi que nem respirava. Um estado de pro-stração completa havia substituído o seu ar-rojo bachico, e a vermelhidão da embriaguez, que um minuto antes lhe brilhava na cara, tinha cedido o logar a uma pallidez mor-tal. O sentimento, que dominava Sergy, não lhe prendia menos o pensamento, mas era mais doce, a avalial-o pelos seus olhos. A vista fixa na apparição, com todo o fogo do amor, parecia fazer diligencia para não a deixar escapar, como um homem a dormir, que receia perder, ao acordar, o encanto ir-reparavel de um bello sonho; e é forçoso confessar, que esta illusão valia a pena de ser conservada com cuidado, porque a natu-reza inteira não tinha, talvez, uma belleza vi-va, que podesse ser comparada com ella. Pe-ço-vos que acrediteis que não exagero.

A desconhecida não tinha ainda vinte an-nos; mas as paixões, a desgraça, ou a morte, tinham-lhe imprimido nas feições o caracter estranho de perfeição inalteravel e de eterna regularidade, que o cinzel dos antigos consa-grou ao typo dos deuses. Nada havia n'aquel-la physionomia que pertencesse á terra, nada que podesse receiar a offensa de uma com-paração. Foi este o juizo frio da minha ra-zão, já bem prevenida n'aquelle tempo con-tra as surpresas loucas do amor, e elle me tira o trabalho de uma pintura, que todos poderão compôr, segundo a sua imaginação. Quem conseguir idear alguma cousa, que ten-ha visos de realidade, ficará ainda mais lon-ge d'ella, do que todos os artificios da pala-vra, da penna e do pincel. Devo, porém, con-fessar, para garantir a minha imparcialidade,

que n'aquella fronte vasta e polida, havia um traço obliquo, extremamente fino, que vinha morrer uma pollegada acima da sobrançella; e que no olhar divino, cuja luz ineffavel era dada por olhos de um azul celeste, entre as pestanas negras como o ebano, se divisava o quer que fosse de vago e de incerto, como a inquietação de uma duvida que procura explicar-se a si mesma. Serão estas as imperfeições do meu modelo, e affianço-vos que Sergy nem sequer deu por ellas.

O que mais me admirou, porém, quando me achei em estado de prestar attenção a alguns promenores, foi o vestuario da nossa mysteriosa dama. Parecia-me, e podia mesmo jurar, que o tinha visto, fosse onde fosse, pouco tempo antes, e lembrou-me logo que era com effeito o do retrato de Ignez. Parecia tirado, por emprestimo, como o nosso, da guarda-roupa de um theatro, mas era mais velho. O vestido de damasco verde, ainda rico, mas froxo e desbotado, enfeitado aqui e alli com laços de fita amarrotados e sem côr, devia ter pertencido ao toucador de uma mulher morta ha mais de um seculo, e estremecei involuntariamente quando pensei, que se o tocasse, lhe acharia talvez a humidade fria da sepultura; mas regeitei logo esta idéa indigna de um espirito razoavel, e achava-me já no gozo perfeito do livre exercicio das minhas faculdades, quando, com uma voz de encantar, a recém-chegada quebrou finalmente o silencio.

— Pois que! meus nobres cavalleiros, disse ella com um sorriso de reprehensão, teria eu a desgraça de vir interromper os prazeres d'esta agradável reunião? Á minha chegada não pensaveis senão em vos entregar á fortuna de estar juntos, e, quando vim, os vossos risos eram taes que deviam acordar todas as aves nocturnas que têm os seus ninhos nas paredes velhas do castello. Desde quando interrompe a alegria a chegada de uma mulher nova, em quem a cidade e a corte acharam alguns attractivos? O mundo terá acaso mudado desde que eu o abandonei?

— Perdoae, minha senhora, respondeu Sergy; encantos como os vossos são proprios para nos surprender, e a admiração é muda como o terror.

— Agradeço ao meu amigo aquella explicação, repliquei eu logo. Os sentimentos, que a vossa presença inspira, não podem exprimir-se por meio de palavras. Pelo que diz respeito á vossa visita devia excitar em nós uma admiração passageira. Sabeis que não

era possivel ser annunciada n'estas ruinas, que perderam ha tanto tempo os seus habitantes: e este sitio deserto, esta hora adiantada da noite, esta confusão extraordinaria dos elementos, não nos permittiam esperar-a. Sereis indubitavelmente bem recebida, minha senhora, em toda a parte em que vos dignardes apparecer; mas esperavamos com respeito, para vos prestar as honras que vos devemos, que quizesseis ter a bondade de nos dizer a quem temos a honra de fallar.

— O meu nome? replicou ella rapidamente; pois não o sabeis? Tomo a Deus por testimunha, que só vim por me haverdes chamado!...

— Por vos ter chamado! disse Boutraix balbuciando, e cobrindo a cara com as mãos.

— É verdade, continuou sorrindo-se, conheço sufficientemente as conveniencias sociaes para me comportar de outro modo. Sou Ignez de las Sierras.

— Ignez de las Sierras! bradou Boutraix mais consternado ainda do que se tivesse visto cair um raio aos seus pés. Ó justiça eterna!

Olhei para ella fixamente. Procurei-lhe em vão na physionomia alguma cousa que accusasse o fingimento ou a mentira.

— Senhora, disse-lhe eu, mostrando mais algum socego do que tinha na realidade, os trajos em que viestes achar-nos, e que são talvez improprios e de mau gosto n'este dia santificado, cobrem, contudo, homens inacessiveis ao medo. Qualquer que seja o vosso nome, seja qual fôr o motivo por que queiraes disfarçar-vos, podeis esperar de nós uma hospitalidade discreta e respeitosa; prestar-nos-hemos até de boa vontade a reconhecer em vós Ignez de las Sierras, se esse capricho, authorisado pelas circumstancias, vos entretem a imaginação; uma belleza, como a vossa, dá-vos direito a represental-a com mais brilho ainda do que ella teve; é o mais certo de todos os prestigios; mas esperámos que ficareis bem persuadida de que esta confissão, que nada custa á nossa cortezia, nunca poderia ser arrancada á nossa credulidade.

— Estou muito longe de exigir d'ella um tal esforço, respondeu Ignez com dignidade; mas quem poderia contestar-me o titulo que tomo na propria casa de meus paes? Oh! continuou ella, animando-se gradualmente, paguei muito cara a minha primeira culpa, para julgar a vingança de Deus satisfeita com esta expiação; mas possa a sua indulgencia tardia, em que confio, e em que puz a minha ultima esperança, abandonar-me por toda a eternidade aos tormentos que me devo-

ram, se o nome de Iñez de las Sierras não é o meu nome! Sou Iñez de las Sierras, a culpada e desditosa Iñez! Que interesse podia eu ter em roubar um nome, que tanto me convem occultar; e com que direito exigiríeis vós a confissão penosa de uma desventurada, cuja sorte não pede mais do que compaixão e piedade? . . . .

Deixou então correr algumas lagrimas, e Sergy chegou-se a ella, cada vez mais commovido, em quanto que Boutraix, que até alli tivera a cabeça encostada aos braços, a deixava cair pesadamente sobre a mēsa.

— Vêde, senhor! disse ella, arrancando do braço uma pulseira d'ouro carcomida pelos annos, e atirando-a desdenhosamente para diante de mim, eis-aquí o ultimo presente de minha mãe, e a unica joia da sua herança que me resta no meio da miseria e do opprobrio da minha vida. Vêde se eu sou com effeito Iñez de las Sierras, ou uma aventureira vil condemnada pela baixaza do nascimento aos divertimentos do povo.

As tres montanhas de Sinopla lá estavam com effeito engastadas em esmeraldas finas, e o nome de *las Sierras*, gravado em letras antigas, lia-se ainda a través da ferrugem do tempo: peguei no bracelete com respeito, e apresentei-lh'o, inclinando-me profundamente. No estado de exaltação a que o seu espirito havia chegado, nem ao menos me viu!

— Se vos fossem precisas outras provas, replicou ella com uma especie de delirio; não vos chegou acaso a noticia das minhas desgraças? Vêde! accrescentou ella, desatacando o colxete do vestido, e mostrando-nos a cicatriz do seio. Foi aqui que o punhal me feriu!

— Que desgraça! Que desgraça! gritou Boutraix, erguendo a cabeça, e atirando consigo, com um terror inexplicavel, de encontro ás costas da cadeira.

— Os homens! O que são homens! disse Iñez com um tom de profundo desprezo; sabem matar as mulheres, e as feridas mettem-lhes medo! . . . .

O movimento cheio de pudor e de compaixão, que ella fez para apertar o vestido entre-aberto, e occultar o seio aos olhos horrorizados de Boutraix, mostrou-o aos de Sergy, cuja emoção era extrema, e era facil desculpar a sua embriaguez, porque era tambem facil comprehendel-a. Um novo silencio se estabeleceu então, mais longo, mais absoluto, mais triste do que o primeiro. Cada um por seu lado, entregue ás suas preoccupações particulares; Boutraix a um terror irreflectido, que o tinha posto incapaz de raciocinar; Ser-

gy, aos gôzos intimos de um amor nascente, cujo objecto realisava os sonhos dourados da sua louca imaginação; e eu mesmo á meditação dos altos mysterios, sobre que receiava haver feito no passado juizos temerarios, deviamos todos de dar ares d'aquellas figuras petrificadas dos contos orientaes, de que a morte se apoderou no meio da vida, e em cujas feições se reflecte para sempre a expressão do sentimento passageiro em que os surpreendeu. A physionomia de Iñez parecia muito mais animada; mas, a través da multidão de aspectos differentes, que uma serie inexplicavel de idéas lhe fazia successivamente tomar, como debaixo do imperio de um sonho, teria sido impossivel determinar qual era a que a dominava, quando tomou a palavra, rindo-se.

— Já me não lembra, disse ella, o que ha pouco ainda vos pedia que me explicasseis; mas bem sabeis que o meu pensamento não pôde satisfazer á conversação dos homens, desde que um braço que amei, e que me assassinou, me lançou no seio dos mortos. Condoei-vos da debilidade de uma intelligencia que resuscita, e perdoae-me se me esqueci tanto tempo de corresponder ao brinde que me fazíeis quando entrei. Senhores, accrescentou, levantando-se com uma graça infinita, e apresentando-nos o copo, Iñez de las Sierras bebe tambem á vossa saude. — Á vossa, nobre cavalleiro! O céu proteja as vossas empresas! — Á vossa, escudeiro melancolico, cuja alegria natural é de certo alterada por alguma pena occulta! Possam dias mais propicios, do que este, dar-vos uma tranquillidade inalteravel! — Á vossa, elegante pagem, cuja terna languidez denuncia uma alma cheia de mais doces cuidados! Possa a mulher feliz, que vos prendeu o coração, corresponder-vos com um amor digno de vós; e se não amaes ainda, fazei ao menos por escolher depressa uma belleza que vos ame! — A vós todos, meus senhores! . . . .

— Oh! se amo! Amo e amarei sempre! exclamou Sergy. Quem poderia vêr-vos e não vos amar? — Á Iñez de las Sierras! á bella Iñez! . . . .

— A Iñez de las Sierras! repeti eu erguendo-me da cadeira.

— A Iñez de las Sierras! balbuciou Boutraix sem se mexer; e, pela primeira vez na sua vida, fez uma saude solemne sem beber.

— A vós todos! replicou Iñez, chegando, pela segunda vez, o copo á bocca sem o esgotar.

Sergy lançou-lhe a mão, e bebeu o que restava com uma especie de phrenesi; não sei

porque, tive vontade de lhe suster o braço, como se receiasse que bebesse a morte. Quanto a Boutraix, tinha tornado a cair n'uma especie de lethargo, que lhe absorvia a alma. —As mil maravilhas, disse Ignez, lançando um dos braços em tórno do pescoço de Sergy, e pondo-lhe, de vez em quando, sobre o coração, a mão tão ardente, como aquella de que tínhamos ouvido fallar na lenda de Estevão.

—Esta noite é a mais suave, e a melhor de todas as que me lembram. Estamos tão alegres e felizes! . . . Não achaes, sr. escudeiro, que nos falta sómente o encanto da musica? . . .

—Oh! disse Boutraix, que quasi não podia dizer outra cousa, querem vêr que vae cantar? . . .

—Cantae, cantae! replicou Sergy, passando os dedos tremulos pelos cabellos de Ignez: é o vosso Sergy que vol-o pede!

—Pois sim, replicou Ignez; mas a humidade das abobadas subterraneas ha de ter-me alterado a voz, que foi outr'ora bella e pura; e além d'isso não sei senão cantigas tristes e melancolicas, improprias de uma *tertulia* bachica, em que só deveriam ouvir-se canções de jubilo. . . . Esperae, continuou ella, erguendo os olhos celestes para a abobada, e preludiando alguns sons suavissimos. É o romance da *Nina matada*, que será novo para todos vós, da mesma maneira, que o é para mim, porque o comporei cantando.

Ninguem ha que deixe de reconhecer quanto pôde o movimento animado da improvisação, e a seducção que elle presta a uma voz inspirada. Triste do homem que só escreve friamente o seu pensamento depois de elaborado, discutido, e posto á prova pela reflexão e pelo tempo! Nunca chegará a commover a alma, e a despertar n'ella as suas mais intimas sympathias. Assistir á criação de uma grande obra do espirito, vê-la soltar o vôo, e desprender-se do engenho do artista, como Minerva da cabeça de Jupiter; sentir-se arrebatado na sua fuga a través de regiões desconhecidas á imaginação, sobre as azas da eloquencia, da poesia e da musica, é o gôzo mais completo de todos os que foram concedidos á nossa imperfeita natureza; o unico que a aproxima na terra da divindade de que tirou origem. O que acabo de vos dizer é a expressão do que senti ao ouvir as primeiras notas de Ignez. O que senti depois, não ha lingua humana que o possa descrever. As duas essencias do meu ser separavam-se distinctamente no meu pensamento: uma, inerte e grosseira, presa pelo seu peso material n'uma das cadeiras de Ghismondo; a outra,

já transformada, que se erguia ao céu com as palavras de Ignez, e que, conforme ella queria, recebia d'elle todas as impressões de uma vida nova de gôzos inesgotaveis. Tende a certeza de que, se ha ainda algum desgraçado, que duvide da existencia d'esse principio eterno, a que se chama alma, cuja vida immortal está presa por algum tempo nos laços da nossa vida transitoria, é porque nunca ouviu cantar Ignez, ou outra mulher que cantasse como ella.

Bem sabeis que os meus órgãos não são insensiveis a este genero de commoções; contudo, estou muito longe de os suppôr assaz delicados para recearem todo o seu imperio. Acontecia o contrario com Sergy, cuja organização era a de uma alma apenas captiva, presa unicamente á humanidade por um laço fragil, sempre prompto a quebrar-se, e a deixal-o em liberdade, quando queria livrar-se d'elle. Sergy gritava, Sergy chorava, Sergy estava completamente fóra de si; e quando Ignez, transportada, ia perder-se em inspirações mais sublimes ainda do que tudo o que tínhamos ouvido, parecia chamal-o para si com um sorriso. Boutraix havia despertado alguma cousa do seu abatimento profundo, e pregava em Ignez os olhos esbogaçados e attentos, em que a expressão de um prazer cheio d'espanto tinha, por um momento, substituído a do medo. Bascara não tinha mudado ainda de posição, mas as doces sensações do entendedor de musica começavam n'elle a triumphar dos receios do homem do povo. Erguia de vez em quando uma cara em que a admiração disputava o campo ao espanto, e suspirava de extasi ou de inveja. Um grito de entusiasmo seguiu o canto de Ignez. Deitou ella por sua mão vinho em todos os copos, e tocou resolutamente com o seu copo no de Boutraix. Este retirou o seu tremendo, viu-me beber, e bebeu. Tornei a encher os copos, e cumprimentei Ignez.

—Pobre de mim! disse ella, ou já não sei cantar, ou esta sala me atraçou a voz. N'outro tempo não havia um atomo de ar que me não respondesse, e que me não prestasse auxilio. A natureza já não tem para mim as harmonias poderosissimas que eu interrogava, que escutava, e que se uniam ás minhas palavras quando eu era feliz e amada. Oh! Sergy, continuou ella, olhando para elle com ternura, é preciso ser amada para cantar.

—Amada! exclamou Sergy, cobrindo-lhe a mão de beijos, adorada, Ignez, idolatrada como uma deusa! Se basta só o sacrificio ilimitado do meu coração, de uma alma, de uma eternidade, para inspirar o teu talen-

to, canta, Ignez, canta mais! canta sempre!

— Eu também dançava, replicou ella, encostando languidamente a cabeça ao hombro de Sergy; mas como hei de eu dançar sem musica? Milagre! accrescentou de improviso: algum genio bemfazejo me escondeu umas castanholas no cinto. . . E pegou n'ellas rindo-se.

— Dia irrevogavel da condemnação eterna, disse Boutraix, eis-te chegado! O mysterio dos mysterios está cumprido! O Juizo final não pôde tardar! Eil-a que vae dançar agora!

Em quanto Boutraix fallava, Ignez haviase levantado, e rompia a dança com passos vagarosos, e lentamente compassados, em que se patenteavam, com uma graça magestosa, a belleza das suas fôrmas e a nobreza das suas posições. Á proporção que mudava de logar, e que se mostrava debaixo de pontos de vista novos, a nossa imaginação extasiava-se, como se mais uma mulher bella tivesse apparecido aos nossos olhos, tantos recursos tirava de si na variedade inesgotavel das suas attitudes, e dos seus movimentos. D'esta maneira, por meio de transições rapidas, tinhamol-a visto passar de uma dignidade seria, aos transportes moderados do prazer que se anima, á doce languidez da voluptuosidade, depois ao delirio da alegria, depois a não sei que extasi mais louco, mais delirante ainda, e que não tem nome; pouco depois desapparecia nas trevas distante da sala immensa, e a bulha das castanholas enfraquecia á medida que se afastava, e diminuia, diminuia sempre, até que deixava de se ouvir, quando deixavamos de a vêr; depois voltava de longe, augmentava gradualmente, e rebentava enfim quando ella tornava a apparecer de subito, illuminada por torrentes de luz no logar em que menos a esperavamos; ia-se então chegando para nós, a ponto de nos tocar com o vestido, fazendo retinir com uma volubidade espantosa as castanholas, que, a través do seu estrondo monotono, davam alguns gritos agudos, mas ternos, que penetravam no coração. Depois tornava-se a afastar, sepultava-se na sombra, ora apparecendo, ora desapparecendo, ora fugindo á nossa vista, ora procurando deixar-se vêr; depois escondia-se de todo, os sons perdiam-se na extensão da sala, e ouvia-se apenas uma nota afastada, e lamentosa como o suspiro de uma virgem que morre; e nós ficavamos loucos, palpitando de admiração e de receio, á espera do momento em que o seu véu, arrebatado pelo movimento da dança, se veria fluctuar, e illuminar-se com o clarão das luzes; em que a sua voz annunciaria a sua volta com

um grito de alegria, a que respondiamos involuntariamente, porque fazia vibrar em nós uma multidão de harmonias occultas. Voltava então, e voltejava como uma flôr, que o vento despega do ramo; erguia-se da terra, como se d'ella dependesse deixal-a para sempre, e tornava a baixar como se dependesse d'ella deixar de lhe pôr os pés, ou como se uma disposição mysteriosa do destino lhe houvesse ordenado tocar-lhe, sómente para lhe poder fugir. E a cabeça, inclinada com a expressão de uma carinhosa impaciencia, e os braços engraçadamente estendidos em fôrma de rogativa, pareciam pedir-nos que a segurassemos. Sergy cedeu, quando eu ia a ceder, áquelle attractivo imperioso, e estreitando-a nos seus:

— Fica, disse-lhe elle, fica, ou morro! . . .

— Não posso! Parto, respondeu ella; e morro, se não vens comigo! . . . Alma d'Ignez! não virás tu também? . . .

Caiu então meia assentada sobre a cadeira de Sergy, enlaçando-lhe com os braços o pescoço, e d'esta vez tinha decididamente deixado de nos vêr.

— Escuta, Sergy, continuou Ignez. Ao sair d'esta sala, has de achar á tua direita um corredor comprido, estreito, e escuro (eu tinha-o visto quando entrei). Ireis por elle adiante, muito tempo, com cautela, por cima das lagas partidas. Vae andando, andando! Não façás caso das voltas infinitas que ha de apresentar aos teus olhos; não podes perder-te. Desce os degraus da escada, por meio da qual elle passa de andar em andar até chegar aos subterraneos. Faltam alguns; mas o amor vence facilmente obstaculos taes, que não impediram de vir ter contigo uma mulher fraça e debil. Vae andando, andando sempre! Has de chegar a uma escada de caracol, ainda mais arruinada do que o resto, mas em que eu te servirei de guia, porque me has de encontrar em cima. Não tenhas medo dos meus pobres mochos, porque são, ha muito tempo, os meus unicos amigos. Os mochos ouvem a minha voz, e pelas fendas entre-abertas da sepultura em que habito, eu os mandarei embora para as ameias das torres! Vae andando, andando sempre! Mas, vem e não te demores. . . Vens?

— Sim! irei! exclamou Sergy. Antes a minha condemnação eterna, do que deixar de te seguir por toda a parte! . . .

— Quem me ama, venha comigo, respondeu Ignez, dando uma gargalhada horrivel.

FIM DA 1.ª PARTE.

## AS FLORESTAS DOS ALPES.



vida do matteiro, por toda a parte bastante trabalhosa, o é com muita especialidade nos altos valles do Jura, da Suíça, e da Saboya. O rigor do inverno, a aspereza do sólo, as dificuldades dos caminhos, tornam esta especie de industria, um dos mais penosos trabalhos a que o homem possa entregar-se; e além d'isto tem tambem seus perigos, porque, se as arvores se aham sobre declives rapidos, ou na visinhança de precipicios, é preciso coragem e sangue frio para as ir atacar na sua formidavel posição; carece-se de certa destreza para as fazer cair de maneira tal, que depois da queda não vão parar ao fundo do abysmo. E assim mesmo é necessario andar depressa. N'estas montanhas a aproximação do inverno é prompta e rapida; os matteiros são muitas vezes obrigados a retirar-se á sua chegada, e deixar ainda com folhas a arvore, que a machadinha do coureiro tinha condemnado á morte. Outras occasiões, não ha tempo senão para deitar as arvores abaixo, sem se poderem falquejar e serrar, o que apenas se pôde executar na primavera.

Este trabalho pertence exclusivamente aos membros mais robustos da familia; as mulheres não tomam parte n'elle; trazem apenas o jantar aos homens, como aquella rapariguita, que vemos na estampa com as mãos a tremer de frio, mettidas no avental, ao passo que seu pequeno irmão accende o fogo debaixo da caldeira para aquecer a sôpa, que esfriou pelo caminho.

A refeição é breve e silenciosa, porque não ha tempo a perder, e nem mesmo a aspereza do dia dá lugar a grandes expansões de alegria. Lá para mais tarde, quando esta penosa tarefa estiver concluida, e que os carros tiverem trazido para os valles a madeira que se apurar, quando o inverno fechar em casa estes robustos trabalhadores, hão de elles então prolongar agradavelmente as suas conversas, aquecendo-se a um fogo que mereceram bem, e no qual empregam toda a madeira, que não destinam para a venda. É então que preparam as diversas peças miudas, os barrotes, as ripas, etc.; fabricam to-

neis para a vindima, carros para os trabalhos campestres, e varios outros utensilios de reconhecida necessidade. Uma conversação, um tanto grave, entretém a todos. Este bom pae, que vêdes em a estampa, de joelho em terra e cachimbo na boca, unicamente attento a dirigir a serra através d'este enorme tronco, assentado então commodamente no melhor logar junto das achas resinosas que estalam ao fogo, discorre largamente sobre os assumptos que mais de perto o interessam. Outros applicam-se pelo inverno á cultura dos campos, dos prados e das vinhas, ou á creação dos gados. No entanto, as florestas são os verdadeiros amores do matteiro, é o assumpto que o interessa, que estuda, de que falla aos estrangeiros e viajantes, de cujas luzes provém adquirir mais alguns conhecimentos sobre este ramo. Eis-aqui como se exprime o nosso pae de familias:

« Quantos logares, hoje despojados, vi eu na minha mocidade cobertos de magnificas florestas. Os nossos bosques vão-se como nós; mas não serão substituidos. Na margem da ribeira, sobre toda esta encosta, que não offerece presentemente mais do que uma fraca pastagem, elevava-se, ha 30 annos, uma bella floresta de abetos vermelhos. Um especulador estrangeiro comprou-a: arrasou tudo, sem deixar um tronco sequer, e esta nossa riqueza desapareceu aboiando sobre as aguas que as levavam para longe d'estes districtos. Em outra occasião vi cair os ultimos pinheiros, que cobriam o cume da montanha, e desde que esta muralha não sustem o vento norte, o nosso valle é mais frio, os nossos trigos soffrem, e as nevoas prolongadas causam mais frequentes prejuizos.

« Nós não somos os unicos desacautelados. Em muitos sitios dos Alpes, e com particularidade no Valais, têm-se arrazado arvoredos, que protegiam muitas aldéas contra as grandes massas de neve. Destruídos os guardas, o inimigo tem-as mais de uma vez surpreendido, tendo sido preciso recorrer a outros meios. Cavaram-se com muito trabalho fossos largos e profundos, lançando a terra sobre a contra-escarpa, em que se cravaram grossas es-

tacas. Assim tem-se fortificado por meio d'arte, e com grande despeza, logares que a propria natureza se tinha encarregado de defender. E os habitantes do frio valle de Urseren, junto do S. Gothard, a que extremidade os não tem reduzido a sua imprudencia? Têm de apanhar agora o matto e as estevas, unicos meios, que lhe restam, para se aquecerem, e isto n'uma localidade outr'ora coberta de ricas florestas. Conheço uma aldêa dos altos Alpes, que foi algum dia nomeada por suas excellentes fontes; as florestas superiores, altas e espessas, retinham as nuvens, e tornavam as chuvas do estio mais frequentes; a sombra livrava as neves de um rapido derretimento. Eis-aqui o reservatorio d'estas fontes tão admiradas. A floresta dava até de mais, e com toda a liberalidade, a madeira necessaria para o consumo. Hoje as arvores estão por terra, as fontes seccaram, e hebe-se apenas agua das cisternas.

« Sabeis que o terreno dos valles superiores desce lentamente para os logares mais baixos. Os nossos Alpes, similhantes a ossos descarnados, mostram já em muitos logares as pedras nuas. Os nossos declives, já de si um tanto fortes, diariamente se tornam mais custosos em virtude das aguas.

« Esta terra, que desce dos cumes, não subirá jámais: era para a sustentar, que as arvores serviam. Uma só noite bastou para levar de uma vez, por effeitos da tempestade, todo o terreno de um municipio, que tinha destruido as suas florestas para semear trigo.

« Tenho admirado muitas vezes, subindo os nossos mais profundos valles até ao cume das mais altas montanhas, quanto a natureza se tem tornado liberal para conosco. Ao principio, na parte mais resguardada e aquecida pelo sol, o castanheiro amadurece o seu fructo saboroso no meio dos damasqueiros, dos pecegueiros e da vinha; um pouco mais acima, a nogueira, ainda ao abrigo das neves, fórma, com as pereiras, e as maceiras, uma nova ordem de pomares, a cujo nivel os carvalhos, os olmeiros, os freixos, as lílias, desenvolvem suas riquezas florestaes. Mais acima ainda, as ameixieiras e cerejeiras, fructificam, disputando o terreno á faia, e ao bórdo. Diversas especies de pinheiro dão-se perfeitamente n'esta região, onde affrontam frios já rigorosos. O pinheiro manso, que se

dá tambem nos climas mais temperados, pôde igualmente supportar outros mais severos. Encontram-o aqui alto e vigoroso, muito mais alto que as cerejeiras, e em logares onde a sorveira, a predilecta das aves, e a murta tão querida d'estas, como das creanças, supprem ellas só a verdura da montanha. Onde o abeto vermelho começa já a dar-se mal, ainda o larix, e algumas outras especies se dão perfeitamente. Mas, ai de nós! quão raras estão semeadas em nossas grandes montanhas, sua verdadeira patria, estas arvores que se começam a destruir, e que nunca seria de mais o multiplicar! Ellas não cedem os ultimos limites das neves perpetuas senão ao amieiro dos montes, e ao loureiro rosa, mas que não devemos tambem desprezar, porque offerecem nos mais frios mata-gaes, um ultimo recurso ao desventurado pastor.

« Deitemos, pois, a conta aos biens que nos restam, e procedâmos com muito mais methodo do que temos feito até aqu. Havia necessidade de madeira, cortava-se ao acaso, e por mero capricho. É por esta causa que temos tantas florestas compostas de cem gerações diferentes, e que é impossivel de separar regularmente em o estado em que ellas estão. Outras vezes cortava-se uma floresta a oito, de baixo para cima, e á medida que se iam cortando as arvores superiores, quebravam, ou no acto da queda, ou na occasião do transporte, a nova geração que começava a crescer. Outras vezes não tinham a cautêla de lhe deixar os resguardos na parte superior, e do lado dos ventos mais perigosos; e se por acaso sobrevinha uma violenta tempestade, a floresta estava destruida.

« É necessario que estas desordens cessem, é necessario mudar de vida. Aprendâmos dos que conhecem a sciencia florestal, quaes são as especies mais uteis, e como se multiplicam; estudemos este assumpto, e os Alpes e o Jura cingirão de novo a sua antiga corda.»

É com estes discursos, que o velho rachador prende a attenção da sua familia; é propheta entre os seus, como o é nas reuniões da sua aldêa. Deixam-se muitas vezes persuadir por suas benevolas exhortações. Talvez uma revolução na sylvicultura dos Alpes e d'outros paizes montanhosos, será um dia o fructo d'estas lições.



**Mateiros dos Alpes.**

## HISTORIA.



## COGITAÇÕES DE UM SOLDADO.

## QUADROS DA HISTORIA MILITAR.

## I.

## A batalha de Zâma.



oitocentos e noventa annos antes de Jesus Christo, os phenicios estabeleceram uma colonia nas costas d'Africa, não longe do sitio onde hoje se acha a cidade de Tunes. Esta colonia, em breve florecente pelo commercio a que era dada, como o povo de que provinha, poderosa depois pelas suas esquadras, rica em virtude das suas conquistas, chamou-se Carthago.

Cento e trinta e sete annos depois, alguns pastores d'Alba-a-longa, debaixo da direcção de um mancebo aventureiro, fundaram sobre o monte palatino, na Italia, outra pequena colonia, a qual cresceu tambem rapidamente pelo seu espirito guerreiro, pelo seu genio audacioso, pela indole especial de suas instituições. Esta era Roma, era a cidade eterna.

Volvem os annos: Carthago vae estendendo o seu dominio por toda a amplidão das costas africanas, senhoreando mesmo uma parte das ilhas do Mediterraneo. Rica, poderosa e grande, começa a corromper-se: as riquezas originam-lhe o luxo, o ocio, e a devassidão, que eram as tres enfermidades mortaes para as antigas republicas. Os sentimen-

tos nobres começam a ser substituidos pelas paixões mesquinhas: vão negociar-se os affectos, peitar-se a justiça, pagar-se a dedicação, taxar-se a amizade.

O exercito carthaginez deixa de ser a instituição nobre, sustentada para o fim tão digno da independencia commum, para se tornar sob o poder da republica avarenta a simples machina de lhe cunhar dinheiro; porque esta só alugava mercenarios, que ia empregar em conquistas espoliadoras. Os soldados resentem-se logo da abjecção do seu estado; tornam-se indisciplinados, tumultuosos, atrevidos, castigando ao menor revez com o supplicio da cruz o seu mesmo general, a quem imputavam o resultado evidente da propria cobardia.

Os annos continuam a passar. Então já em Carthago se prostitue descaradamente, a preço d'ouro, tudo quanto ha de mais sagrado na vida moral dos povos, — a consciencia do juiz, o brio do militar, o talento do homem publico, a honra domestica das familias. — O interesse commum é por toda a parte sacrificado ao interesse individual. Quando a posse, unica e exclusiva de riquezas, se torna a aspiração geral de um povo, o pudor publico corre a refugiar-se no centro de estatuas de ouro; mas esse povo está a dois passos da sua ruina. É o que succedia a Carthago.

Roma, pelo contrario, mais nova ainda na existencia republicana, toda frugalidade, toda heroismo, aspirando a dominar pela nobre ambição do poder, absorvendo no interesse commum todos os interesses individuaes, está n'esse auge de crescimento em que a vida das nações promette ser larga, robusta e heroica.

Duzentos e sessenta e quatro annos antes de Christo, Roma, orgulhosa e soberba pelas suas victorias recentes contra os exercitos de Pyrrho, não encontra em toda a Italia, ao sul das margens do Pó, um unico inimigo a combater, porque ali ou domina directamente, ou tem seguras alianças, que a respeitam e auxiliam. É então com um sentimento intimo de despeito, que ella lança os olhos para o outro lado do Mediterraneo, e vê o crescimento successivo, o poder immenso da sua rival, d'esa Carthago, a rainha dissoluta das costas africanas. (1) Esta tambem encara com o fingido desdem do vicio para a virtude, a senhora do Tibre, soberba pelo seu valor, vaidosa pelas suas conquistas. Os dois collossos medem-se em silencio, calculam as suas forças, e respeitam-se. Carthago é a senhora dos mares, Roma não se atreve a ir ali affrontal-a. No entanto, aquella existencia já estava contada. A sua hora ia em breve bater.

## II.

A povoação ociosa regorgita na cidade de Roma. Vão faltando os campos para tantos braços forçadamente inuteis. As artes começam a florescer; mas as subsistencias a escacear. A Sicilia tem de acudir-lhe com a inexaurivel abundancia de seus cereaes: pobre paiz, que a sua propria fertilidade compromette; que a riqueza do seu sólo vae atraiçoar. Grande parte é já preza de Carthago, a outra vae em pouco sê-lo de Roma, porque esta aspira a ter proprios esses thesouros de abundancia, que espontaneamente lhes offerecem os campos sicilianos. Quer dever á espada, e não ao commercio, a subsistencia de seus filhos. Verdade é que para isso tem apenas a allegar o direito do mais forte; mas então, como hoje, essa foi sempre a razão de quem não teve razão.

O pretexto, esse, o acaso em breve se encarregou de lh'o fornecer. Os mamertinos, pequeno povo da Sicilia, imploram o auxilio dos romanos contra a oppressão de Hieron,

(1) Carthago dominava então todo o litoral do Mediterraneo, desde a Syria até ao Estreito de Gibraltar, toda a parte da Hespanha situada sobre a direita do Ebro, á excepção de Sagunto, quasi todas as ilhas do Mediterraneo, como a Sardanha, uma grande parte da Sicilia, etc., etc.

rei de Syracuse, que da sua parte havia tambem recorrido contra elles á protecção de Carthago. Insensatos ambos, que assim chamavam a intervir nas suas questões domesticas os dois povos mais poderosos d'aquellas eras, não prevendo que o resultado era ficarem por força sob o jugo do vencedor! Porque as nações, ainda hoje, quanto mais então, raras vezes se contentam, quando vencedoras, de cingirem simplesmente a fronte com a corôa symbolica de um triumpho desinteressado. As espadas, que, para o combate, saem de bainhas de ferro, tendem, depois da victoria, a esconder-se em bainhas de ouro.

A protecção é concedida pelos romanos com o maior prazer, ella envolvia a desejada conquista da Sicilia; a esta oppunha-se, comtudo, um obstaculo immenso, era a precedencia do dominio carthaginez n'aquellas regiões; para as possuir inteiramente era necessario destruir alli primeiro o dominio de Carthago. Roma então já não hesita, lança a provocação audaciosa ás faces da sua rival. A sorte está lançada. Os gigantes vão medir-se. Assim começa, duzentos e sessenta e quatro annos antes de Jesus Christo, a primeira guerra entre Roma e Carthago, chamada pelos historiadores a primeira guerra punica, a que ha de succeder uma segunda, e depois ainda uma terceira.

Durante o espaço de tantos annos, que duraram estas tres guerras, a victoria tem de revoar indecisa de uns a outros dos arraiaes oppostos. E assim, ora a mão potente de Regulo depois das batalhas de Enône e de Adis, fará estremecer da base ao cume o poderoso solio da rainha d'Africa; ora, depois de Trasimene e de Cannas, o valor intelligente de Annibal fará chegar o terror do captivo até ao mais intimo do coração da rainha do Tibre.

A lucta, comtudo, não era igual. As circumstancias moraes, causas efficientissimas do bom resultado na guerra, sendo todas contra Carthago, e todas a favor de Roma, esta havia de triumphar por força. Tanto que foi a ingratição publica, resultado de um mesquinho ciúme, que privou para sempre Carthago do auxilio poderoso do lacedemonio Xantippo, o vencedor de Regulo, e por consequencia fez terminar contra os carthaginezes, e a favor dos romanos, a primeira guerra punica depois de ter durado vinte e quatro annos. Foram rivalidades abjectas, foi o dominio parcial das facções, quem impediu a conquista geral da Italia, e a destruição, talvez, da propria Roma, depois das victorias

d'Annibal, (2) fazendo ainda decidir contra Carthago a sorte das armas, quando novamente recorreram a ellas na segunda guerra punica, que começou em consequencia do cerco posto por Annibal a Sagunto, que era cidade alliada dos romanos, e terminou pela batalha de Zâma, tendo durado quinze annos.

Na terceira e ultima d'estas guerras, que principiou quasi cincoenta annos depois da precedente, é ainda á traição decidida do general de cavallaria de Carthago, que Scipião Emiliano deveu o poder triumphar d'aquella cidade, arrazando-a completamente, no anno cento e quarenta e seis antes de Jesus Christo.

Os romanos, pelo contrario, em todo o auge da abnegação republicana, tiravam forças das proprias derrotas, aprendiam nos revezes, estudavam na adversidade. Não se batiam só pela causa commum, se tanto era necessario, offereciam-se em holocausto por ella; se o combate não bastava, chegava o sacrificio. Os aurspices podiam á vontade pedir victimas humanas, o patriotismo ardente d'aquellas eras se encarregava de lh'as fornecer. A devoção de Curcio não foi uma excentricidade de carater no illustre patricio: repetia-se a cada passo, imitava-se a cada momento. Pela salvação da republica os filhos de Roma iam affrontar uma morte certa, quer fosse inesperada, heroica, gloriosa, como a que Decio correu a encontrar no centro das hostes latinas; que fosse lenta, ingloria, e de martyrio, como a que Regulo bem sabia o esperava na sua volta ás regiões africanas.

Por Carthago combatia apenas o ouro de seus cofres, pela republica romana combatia a alma, a dedicação de seus filhos. Por isso, n'esse momento solemne, em que as duas rivaes se encontraram nas planicies de Zâma,

(2) Hannon, antigo general carthaginez, tinha formado na sua patria um partido contra Annibal, procurando por todos os meios deslustrar-lhe as victorias, e impedir-lhe todos os recursos, oppondo-se á concessão de novas tropas, ou auxilios pecuniarios. Quando, depois de uma brilhante victoria, Annibal mandou pedir ao senado de Carthago novos reforços, Hannon exclamou: « Que teria pedido este homem, se tivesse perdido uma batalha, elle que nos envia taes supplicas depois de ter ganho uma victoria? Ou é um impostor, que nos engana por falsos relatorios, ou é um ladrão, que quer enriquecer-se á custa do thesouro publico. » Eis como se reputavam em Carthago os serviços eminentes de tão illustre capitão.

uma, heroica, virtuosa e alta, outra aviltada já, e vergando ha muito sob o imperio de paixões ruins, a senhora d'Africa ajoelhou logo ante a sua rival da Europa, curvou a cabeça, e estendeu-lhe os braços supplicante. Era o momento supremo d'aquella existencia de seis seculos. A vencedora traçou-lhe bem visivel na frente o ferrete da escravidão. Deixou-lhe por então a vida; mas prohibiu-lhe o uso das armas. Conservou-lhe a dignidade da realza sem o prestigio da força, para que a elevação da propria grandeza, a cada passo humilhada, fosse mais uma tortura moral. Era o leão potente, a quem o caçador houvesse cerceado as garras, e limado as prêzas, para o restituir aos seus bosques com os attributos da antiga dignidade, mas sem os meios por que a fazia respeitar.

### III.

Depois d'esta batalha o senado entendeu que eram sufficientes algumas lagrimas de humilhação para apagar nos fastos da sua patria as nodoas sanguinolentas, que n'elles haviam deixado as acções do Tessino, da Trebia e de Trasimene. Contentou-se então que a senhora vaidosa, tornada escrava submissa, começasse a chorar esse pranto aviltador, que devia lavar aquellas nodoas; mas desde então ella se curvava visivelmente para o seu tumulo gigante, porque esse chorar de vergonha e de humidade em as nações antigas era o precursor caracteristico de uma morte imminente.

Com effeito, havia em Roma muito quem pensasse, que essas manchas sanguinolentas durariam em quanto existisse aquella que as havia lançado; que não esqueceria Cannas em quanto restassem vestigios de Carthago. Arrazal-a eram as exigencias continuas das susceptibilidades pundonorosas, representadas no senado por Catão o censor. Estas idéas, favorecidas por outras muitas causas, triumpharam afinal; e os consules passaram á Africa, quasi 50 annos depois de se haver feito a paz pela segunda vez. Faltava, contudo, um pretexto apparente para se declarar a guerra novamente, vista a sujeição absoluta dos carthaginezes a todas as exigencias dos seus ciosos adversarios. Estes resolveram então declarar abertamente o pensamento reservado que alli os havia levado. Pediram que os proprios cidadãos arrazassem a sua cidade, e fossem depois construir, mais no interior, n'algumas porções de deserto,

que por mercê lhes concediam, uns fracos abrigos para garantir a vida. Contra tal exigência a indignação rebentou espontanea do coração dos filhos de Carthago: isto equivalia a armar do punhal matricida o braço dos descendentes de Annibal e de Amilcar, e obrigarem-nos elles proprios a craval-o no coração maternal. Era pedir-lhes mais do que a honra, e muito mais do que a vida: era obrigar-os ao parricidio, que já não é um crime de homens; mas um acto de monstros. Negaram-se unanimes. Tiraram forças do desespero, que lhes ensinou a fundirem os seus vasos de ouro e de prata, para á falta de ferro os transformar em armas; e prepararam-se para o combate. A terceira e ultima das guerras punicas ia começar terrivel, ella tinha de ser uma guerra de morte.

Todo o valor e saber de Scipião Emilianno, o filho adoptivo do outro Scipião, o vencedor d'Annibal; todo o poder então no seu auge da republica romana, seriam de certo impotentes contra a nobre dedicação de um povo, que tira do desespero forças para combater pela patria, e por esses restos de liberdade, que ainda assim tanto mais presavam, quanta era a differença da vida passada como cidadão livre no *forum* de Carthago, ou como escravo captivo nos ergastulos de Roma.

Atraiooou-os, comtudo, Pharméas, o general da sua cavallaria; atraiooou a patria o africano vil. Já escravo prematuro vendeuse a pêso d'ouro. Impelliu com a planta traioeira, para o seu tumulo soberbo, a rainha d'África, que só pendêra para elle orphã do amor d'Annibal. E a lage d'esse sepulchro caiu pesada sobre uma existencia de mais de sete seculos, porque ella findou de todo cento quarenta e seis annos antes de Jesus Christo. Em breve o sópro da tempestade enterrou sob vagas d'arêa os restos espargidos da terra orgulhosa dos vencedores de Cannas. E ao viajante, que hoje interroga essas solidões immensas para lhes perguntar pelos vestigios da cidade de oito legoas, responde apenas o silencio aterrador do deserto, ou, quando muito, o rugir do leão silvestre, que vagueia ás soltas por toda aquella amplidão, digno rei para tão grandes ruinas, guarda bem propria para aquelles restos venerandos, remate condigno d'aquelle tumulo onde se encerram tantas grandezas humanas.

De todas as batalhas, que as duas rivaes pelejaram no longo periodo de cento e dez-oito annos, que duraram as suas dissensões, foi de certo a de Zâma, porque terminou a segunda guerra punica, a mais importante de

todas por diverses causas; é essa que nós vamos descrever n'este primeiro quadro. Faremos, comtudo, algumas reflexões para terminar o que levámos dito.

Toda a dedicação, todo o valor, todo o saber d'Annibal não poderam salvar Carthago. A traição de Pharméas assassinou-a logo. Parece que o genio do mal tem mais poder no mundo do que o do bem.

Lembra então perguntar, — véla a Providencia sobre os destinos humanos? Para nós não ha duvida, que sim. — Mandou Scipião Emilianno arrazar Carthago, a cidade avarenta e dissoluta, como depois mandou Attila destruir Roma, a cidade licenciosa e corrompida.

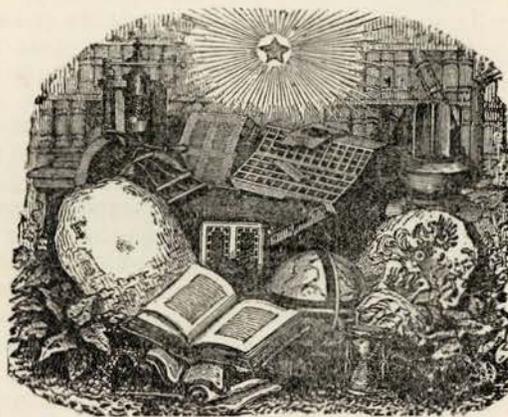
O viajante não encontra hoje as ruinas de Carthago? Pois bem, encontrou-as ainda um general, outr'ora poderoso, depois perseguido e proscripto, para se refugiar n'ellas do furor dos seus inimigos, para que, retirado n'aquelles fragmentos, pudesse a seu salvo meditar na instabilidade de todas as grandezas humanas. Desde então aquelle homem, assentado n'aquellas ruinas, ficou sendo o exemplo mais eloquente do que são as vaidades humanas, quer fundadas na gloria, no poder, no orgulho d'um individuo como era Mario, o proconsul, quer fundadas nas riquezas, no dominio, no desenvolvimento de uma nação, como era Carthago, a rainha do Mediterraneo.

Não encontra actualmente o viajante os restos d'essa cidade? Que importa? Encontra-os o historiador, este rei do passado, para lhes dar a vida na sua imaginação, para os recompor pelos attributos do seu genio, para os interrogar pela especialidade da sua missão. E quando lhe põem em duvida a intervenção da Providencia nos destinos humanos, elle então aponta para aquelles vestigios, e mostra-lhes Mario, o emblema do maximo orgulho de um povo. Se ainda duvidam, aponta-lhes para a cruz do Christo, symbolo de toda a humildade, protegendo ella só o capitolio de Roma, symbolo do maior poder que tem apparecido no mundo. Ou mostra-lhes ainda, para o convencer, nas lages de um convento de monges, os vestigios das lagrimas de um dos maiores potentados do mundo, que, debruçado sobre ellas, trocára pelo burel da penitencia a purpura dos imperadores. Aponta, emfim, para uma ilha entre os dois mundos, e faz-lhes vêr, nos arrancos de uma existencia, que lucha com as recordações mais saudosas para a alma, o perfil de um homem que vem sobranceiro ás vagas do Oceano cruzar sobre o peito, que lhe não po-

dia conter o coração, os braços que tinham podido sustentar, elles só, quasi todos os sceptros do mundo.

E então tambem elle, o historiador, o rei do passado, pergunta ao incredulo: seria o

acaso que levou Mario a assentar-se nas ruinas de Carthago, a cruz de Christo a sombrear o coliseo dos Cesares, Carlos V a curvar-se sobre as lages de S. Justo, Napoleão a ir morrer á Ilha de Santa Helena?



## SCIENCIAS NATURAES.

## O FUNDO DO MAR.

(Continuados de pag. 63 do 2.º n.º)

(Conclusão).

V.

## Habitantes do Oceano.



s chimeras e os dragões, mostrando as suas feias carrancas do alto das abobadas das nossas velhas cathedraes; os monstros, inventados pelos pintores da idade-média para povoar o inferno, e atormentar os mortos; em uma palavra, quanto de mais phantastico tem sonhado a imaginação dos poetas, a natureza parece ter tido prazer de accumular no fundo do Oceano. Combinou as formas mais horriveis, juntou as côres mais oppostas, alterou a ordem dos orgãos, dissimulou o mechanismo da vida, como se tivera querido crear um outro mundo, sem analogia com o nosso, e apresentar ao homem o espectáculo grandioso de uma fecundidade quasi infinita. Alli se acham reunidos seres microscopicos, e os maiores animaes do globo; crustaceos tão duros como pedra, e molluscos gelatinosos de tal maneira diaphanos, que escapam tanto á vista como ao tacto. Encontram-se, fixos como stalactites aos rochedos d'onde se originam, seres vivos, que se assimilham a mineraes; outros estendem os braços em forma de ramos, enterram no lódo os pés, que parecem raizes, abrem numerosas boccas como calices de flores, e apresentam, com tanta propriedade, o aspecto de plantas, que illudiram por muito tempo as investigações da sciencia. Vêem-se os *encrinus*, verdadeiros animaes, mas que se

assimilham tanto a uma arvore pequena, que ainda hoje são conhecidos pelo nome de — palmeira do mar; — polypos, e uma serie immensa de seres animados, que os naturalistas chamam zoophytos por causa das suas numerosas analogias com os vegetaes.

Desde a *concha gigante* (*benitier geant*), que poderia esmagar um homem entre as duas valvas, até o nautilo ephemero, que abre as suas vélas transparentes na socegada superficie de um mar tranquillo, e deixa vogar a sua pequena barca a todos os caprichos de um prospero vento, o mar encerra uma variedade immensa de conchas. Polidas como pedras preciosas, adornadas de côres vivissimas, e de arabescos delicados, as mais bellas fixam-se a ruchas profundas como se quizessem esconder a todas as vistas a riqueza de suas formas, e seus ornamentos.

É um espectáculo maravilhoso o das conchinhas adornadas de mil côres, e tão brilhantes como os mais bellos metaes. Ha tantas especies, que a vida de um homem não chega para as classificar. Umas fornecem a madre-perola; outras as mesmas perolas; umas servem para copos, vasos, ou mil objectos de ornatos, e um grande numero de molluscos, dos que ellas contêm, fornecem um appetitoso alimento.

O mar encerra tambem um grande numero de animaes, que á primeira vista se tomariam por fructos; os ouriços do mar são macios e vermelhos como os pécegos, cheios de espinhos como o fructo do castanheiro, cucurbitosos como as cabaças. As estrellas do mar, no fundo d'uma agua bem transparen-

te, dão idéa d'estes maravilhosos desenhos e combinações de côres, que se obtêm por meio do kaleidoscopo. As *alcyonellas* (*alcyonelles*), que revestem em massas compactas os declives pouco inclinados dos valles submarinhos, se elevam em grupos elegantes, ou tomam algumas vezes a apparencia de mosaico, e poderiam ao primeiro aspecto ser tomadas por fragmentos de porphydo, de jaspe, ou de agatha. Por toda a parte novas maravilhas, seres, que se julgariam imaginarios, e nós poderíamos encher um volume, simplesmente com a sua nomenclatura.

Algumas vezes no fundo do Oceano, em logar de bellas conchas, e das florestas de coral e madre-perola, de que adiante fallaremos, vêem-se polvos monstruosos, animaes repugnantes, cujos braços compridos ou tentaculos, se applicam como ventosas aos entes animados de que se sustentam; os ommastrepes gigantes, que, a favor dos seus dez braços enormes, munidos de um milhar de pequenas boccas, chupam com uma rapidez incrível o sangue da sua prêza; *physallias*, *holoturias*, *phyllosomes* armados de garras, *caranguejos* enormes, cujas tenazes esmagariam facilmente os ossos de um homem; emfim, no meio d'este mundo, que a imaginação apenas concebe, *hydras* de corpos immensos, gelatinosos e esverdinhados; meduzas que se podem cortar em pedaços, cada um dos quaes fórma logo um animal completo, passeiam sobre o lôdo, que a sua propria baba torna escorregadio.

Se do fundo do mar, onde estes animaes estão quasi todos encerrados, as nossas vistas podessem penetrar a massa d'agua que fórma, por assim dizer, a atmosphaera d'este mundo, ficaríamos surpresidos da extravagancia das fórmas dos peixes que nadam alli, quasi como as aves vôam no ar. Ha alguns, alados como os dragões, e que podem saltar fóra d'agua; outros assimilham-se a settas, a porcos-espinhos, a *hypogriphos*, a unicornios: vêl-os-hiamos procurarem-se, perseguirem-se, combaterem, e transportarem-se, mais facilmente ainda do que as nossas aves de arribação, de um para outro hemispherio. O imperio do mar pertence sem contradicção ás balêas e baleotes. O animaes marinhos fogem todos diante d'estes enormes cetaceos, que, com uma pancada da sua cauda, viram um navio, e fazem jorrar a agua do mar desfeita em espuma a cincoenta pés de elevação. A balêa parece um fragmento vivo escapado ao cataclysmo, que destruiu o mundo primitivo; porque apenas se lhe pôde comparar o mastodonte, esse quadrupede anti-diluviano,

que desfazia uma palmeira entre as suas poderosas queixadas. Mede ás vezes cem pés de comprimento, e é raro pesar menos de 400 mil kilogrammos; só a lingua, do comprimento de 25 pés, pôde fornecer cinco toneis de azeite. É no céu da bocca, semelhante ao porão de um navio, que se acham dispostas transversalmente a uma pollegada umas das outras, 1:600 a 1:800 laminas, cada uma de 25 pés, que se chamam barbas de balêa, e que formam uma especie de aparelho flexivel, por meio do qual segura a sua prêza. As balêas engolem uma quantidade enorme de peixes pequenos a favor do redemoinho, que produz n'agua o simples afastamento das suas queixadas. Seguem ordinariamente os cardumes de arenques nas suas emigrações annuaes, e devoram por dia muitos milhões d'elles, sem que por isso lhes rareiem as espessas fileiras; tão consideravel é o seu numero. A agua, que bebem ao mesmo tempo, é depois violentamente arrojada pelo orificio das ventas, e fórma na superficie das ondas um repuxo de 20 pés de altura. Um couro duro, da espessura de duas pollegadas, cobre o corpo das balêas; por baixo uma camada de gordura impregnada de azeite, que se separa á menor pressão, chega ás vezes a um pé de altura na parte correspondente ás costas, e ao triplo no pescoço. Dizem que d'este tecido podem tirar-se 130 quintaes d'azeite. É elastica a tal ponto, que um homem pôde fazer por o seu proprio pêso um rêgo tão profundo sobre a pelle escorregadia da balêa, que lhe permittiria conservar-se de pé, e até passeiar. Constantemente n'agua, as balêas, cujo volume impede a sua aproximação das costas, nunca deixam a profundidade dos mares; mas, dotadas de pulmões como os mamíferos, vem frequentemente respirar á superficie, e é para isto, que nas proximidades do inverno deixam as paragens do Norte, onde o Oceano gelado fórma uma abobada impenetravel, debaixo da qual seriam infallivelmente asphyxiadas. Pôde dizer-se, que a vasta extensão dos mares é a sua patria. Viajando sempre, percorrem todas as latitudes, não parecendo resentir-se das temperaturas extremas, e dando-se tão bem debaixo dos gêlos do Pólo, como sob os raios ardentes do sol do Equador. Se devemos acreditar as narrações dos viajantes e dos naturalistas, seria possível hoje pescar balêas contemporaneas de Carlos Magno, porque vivem, segundo se diz, perto de mil annos.

As balêas desenvolvem por seus filhos uma ternura, que se tem tornado proverbial entre os pescadores: uma especie de alegria se ma-

nifesta até nos afagos reciprocos, que se prodigalisam. Nunca se afastam uns dos outros, fazem as mesmas evoluções, e os pescadores sabem tirar partido, quando as atacam, d'este affecto, que parece crescer no momento do perigo.

Quando pescam o baleote têm a certeza de agarrar a mãe, porque não ha exemplo d'esta abandonar seu filho.

Se alguns signaes de intelligencia e d'amor nos sorprendem, quando os observâmos em insectos apenas visiveis, não parecem de certo menos curiosos n'um ente tão volumoso, que a nossa vista tem muita difficuldade em lhe abraçar a extensão. Não vendo em uma balêa mais do que uma massa quasi informe, temos certa difficuldade em lhe suppôr instinctos analogos áquelles, que reconhecemos quotidianamente em uma classe numerosa de animaes ! Que differença, mesmo entre o elephante e uma balêa de cem pés de comprimento ! Não ha muitos proprietarios que vivem felizes em as nossas aldêas, sem contudo, terem de seu uma extensão de terreno onde coubesse uma balêa ! Nós somos, em comparação d'este enorme cetaceo, pygmeus, cujas embarcações despedaça com um simples bote da sua enorme cauda, insectos que nem ao menos sente andar sobre seu immenso dorso, seres de que não suspeitaria a existencia, a não serem as profundas feridas que d'elles recebe algumas vezes. Não obstante a sua fraqueza, o homem accommette a balêa, e chega a vencel-a. Pescadores atrevidos a atacam de dentro de suas pequenas barcas, e lhe lançam o harpêu, que penetra a extensão de um braço. O animal sente apenas uma ligeira picada, mas mergulha para se subtrahir á excitação que o incommoda, e os vestigios do sangue que perde, bastam para indicar o ponto onde virá respirar. Novos harpêus alli o esperam. Multiplicadas ao infinito estas pequenas feridas, equivalem a uma grande ; a balêa começa a soffrer ; levantando ondas enormes, debate-se com violencia ; o mar torna-se vermelho com o seu sangue, e as forças se lhe esgotam. Perseguida constantemente, começa a fugir com menos velocidade ; mergulha uma ultima vez para tornar a apparecer moribunda, e ser a prêsa de um homem só, ella que podia encerrar cincoenta em suas vastas queixadas !

Luctar simultaneamente contra a tempestade, os gêlos polares, as grandes noites, os frios e as privações, tal é a vida dos maritimos destinados a esta perigosa industria. Assim mesmo, todos os annos partem dos portos da Europa numerosas expedições para a

pesca da balêa, e vêem-se ainda hoje algumas povoações inteiras da America do Norte partirem das suas praias em fracos bateis de cortiça ou de couro, para se arriscarem em pleno Oceano á pesca das balêas e baleotes.

Ha povos selvagens que lhes aproveitam a gordura para comer, trocam o azeite e as barbas por ferramentas, aguardente ou tecidos, e constroem cabanas com os ossos enormes de seu immenso esqueleto.

O baleote (*cacholot*) é o digno rival da balêa ; quasi tão grande, é mais agil, persegue as suas victimas, quaesquer que sejam os obstaculos ; ataca sem ser provocado, e exerce sua ferocidade sem precisão. Os seus movimentos são promptos ; mostra-se e desapparece, com a velocidade do mais pequeno peixe, para surprender o seu inimigo, mugindo como um animal feroz, ou assoviando como uma serpente, umas vezes para assustar, outras para chamar em seu soccorro os individuos da sua especie. Tão temido dos habitantes do mar, como o tigre o é das gazellas, pertence-lhe incontestavelmente o imperio absoluto do Oceano. Os baleotes viajam em bandos consideraveis, que occupam algumas vezes, nas alturas do golfo de Bagonna, e das ilhas Collapayos, o espaço de 15 a 20 leguas. Perseguem as phocas, os squalos, os tubarões, e até mesmo uma especie particular de balêas, que fogem d'elles sem tentar nem sequer o combate. Os pescadores atacam tambem o baleote para obterem o *ambargris*, perfume bem conhecido, e o espermaceti, de grande uso para vélas. A cabeça de um baleote pôde fornecer 2:880 arrateis de espermaceti, e 4:320 canadas de azeite.

A riqueza d'estes productos explica a avidéz com que se procuram os baleotes, e como o homem percorre todas as latitudes, perseguindo até ás extremidades do mundo este feroz animal. A balêa e o baleote parecem, como acabâmos de dizer, creaturas anti-diluvianas, escapadas aos ultimos cataclysmos para nos dar uma idéa dos primeiros habitantes do globo. O grande numero de seus restos, que se encontram nas camadas de alluvião, e nas argilas misturadas de arêas, que existem a pequena profundidade nas vertentes de algumas collinas, vem diariamente fornecer á sciencia novos testemunhos da antiga immersão dos continentes actuaes.

Em Paris, acharam-se, junto á montanha denominada de Santa Genoveva, restos incontestaveis de um esqueleto de balêa ; e as escavações effectuadas em 1779 na rua Dauphine, descobriram um osso de baleote, que não pesava menos de 227 arrateis. Têm-se en-

contrado também restos curiosos em Inglaterra, na Russia, na Alemanha e na Italia.

As profundidades do mar são habitadas por uma quantidade consideravel de peixes proprios para comer, cuja nomenclatura, aliás demasiadamente longa, não viria agora a proposito. São bem conhecidas as transmigrações de inumeraveis arenques, que partem todos os annos dos mares do Norte, costeiam a Noruega, a Inglaterra, a Islandia, e dividem-se depois em duas columnas, das quaes uma continúa seguindo as costas do velho mundo, em quanto a outra se dirige para o banco da Terra Nova, para de lá ir dobrar talvez o cabo d'Horn. Os arenques são como um maná providencial, espalhando a abundancia sobre regiões absolutamente estereis. Quantas terras seriam abandonadas á solidão, se as riquezas que a pesca lhe produz cada anno, não tivessem convidado os povos a fundar ahi estabelecimentos! Diz-se que a cidade d'Amsterdam (na Hollanda) é edificada sobre as espinhas d'este peixe!! Não será o mesmo a de Hambourgo, de Lubeck, de Yarmouth, e de tantas outras cidades do Norte, cuja industria consiste na preparação do arenque?

É bem conhecida a grande quantidade de peixes bons para comer, que frequentam as alturas das nossas praias, e de que recurso são para as povoações maritimas. Um quinto dos habitantes do globo vive quasi exclusivamente da pesca, que lhe fornece o sustento, e torna-se, além d'isso, uma das bases do seu commercio. Não inumeraremos as fórmulas extravagantes apresentadas pela maior parte dos habitantes do mar.

Os mais curiosos são os narvaes, cuja longa prêsca de marfim penetra os costados dos navios; a chimera; o choetodonte; o peixe voador; o espadarte, armado da sua comprida espada; o hyppocampio, que tem a cabeça como a de um cavallo; o gymnetro, armado com os seus quatro martinetes; o pegaso, que se assimilha a um horrivel dragão, e cujas barbatanas estendidas como as azas de um morcego, podem eleva-lo ao ar; o syngnate ou sabre maritimo; o pterois, armado como um porco-espinho, hediondo á vista, com suas azas de demonio; e tantos outros, que tão longo seria inumerar aqui.



## POESIA.



À MORTE DE UMA JOVEN SENHORA.

UMA hora melancolica  
Do despedir do dia,  
Quando se escuta o cantico,  
De estranha melodia,  
Que na deveza langido  
Desprende o rouxinol. . .

Quando desponta pallida  
No firmamento a lua,  
E q'ainda incerta, e tremula  
No mar azul fluctua,  
Co'a viva côr da purpura  
A luz tibã do sol!

Quem passa pelo tumulo,  
Que encerra a virgem bella,  
Quebre o silencio tetrico  
A orar prece singela,  
Por essa que a existencia  
Deixara inda em botão.

Por ella ai! não. . . a supplica,  
Ao nosso Deus erguida  
Seja por quem perdendo-a  
Perdeu parte da vida,  
E que no mundo estatico  
A filha busca em vão!

Ella este val de lagrimas  
Abandonou subindo  
Ao céu que lhe era patria;  
Ella feliz sorrindo,  
Lá jaz no mundo ethéreo  
Ao lado do Senhor!

Por nós, oh! sombra angelica,  
Implora a Deus piedade,  
Anjo das azas candidas,  
Consola a saudade,  
D'aquelles que adorando-te  
Te viram morta em flôr!

Setembro de 52.

R. A. DE BULHÃO PATO.



## VERSOS PARA SEREM RECITADOS

## AO SOM DE UMA WALSA.

ERA no Outono quando a imagem tua  
A luz da lua — seductora vi,  
Lembra-te ainda n'essa noite, Eliza,  
Que doce briza — suspirava alli?!

Toda de branco em tua frente bella,  
Rosa singella — se enlaçava então;  
Vi-te, e perdido de te vêr buscava,  
Se me apartava — da gentil visão!

Era debalde, quanto mais te via,  
Mais me perdia — delirante amor!  
Magicas fallas proferiste incerta,  
Toda coberta — de infantil rubor.

Tremendo, ancioso, quiz pedir-te um beijo. . .  
Louco desejo, que fugir-te vi,  
Vendo-me triste, para mim voltas-te,  
Não me fallas-te, mas eu bem senti.

Tibia, arrobada de perfume a briza  
Lembra-te Eliza — suspirava então!  
Tu nos meus braços reclinaste a fronte,  
E meigamente — me disseste — não. —

Setembro de 52.

R. A. DE BULHÃO PATO.

# FOLHETIM.

## DOIS GRANDES HOMENS N'UMA GRANDE QUESTÃO.

### I.

#### Recordações do imperio.

**O** relógio da torre de Notre-Dame acaba de dar nove horas.

A luz brilhante do gaz luta vantajosamente com as trevas espessas, que envolvem a cidade de Paris; bem espessas, porque a noite de 22 de dezembro de 1853 é uma das mais calliginosas e frias, que tem apparecido este anno n'aquella cidade.

Ha baile nas Tuilherias.

O bulício vertiginoso do centro da cidade, um pouco enfraquecido já pela distancia, vem quasi morrer de todo na vasta esplanada do edificio dos Invalidos. A bulha monotona da fonte começa a ser o unico som que acorda os echos pacificos d'esse magestoso edificio, criação gigante, como quasi todas as do grande rei Luiz XIV.

Não conheceis, leitor, o soberbo zimbório dos Invalidos? Perdeis muito, porque Luiz XIV desenvolveu n'elle toda a sua magnificencia; e este monumento é olhado como uma obra prima da eschola franceza. Julio Hardouin Mansard foi o seu architecto. O portal, virado para o lado da esplanada, tem trinta toezas de largura por dezeseis de altura; eleva-se sobre uma escadaria de muitos degraus, e é decorado com columnas da ordem dorica e corinthia sobrepostas, e coroadas por um soberbo frontão triangular.

Uma terceira ordem de columnas corinthias corre ao redor do zimbório, sobre o qual se eleva a cupula; sobre esta o pequeno mirante, e por cima o pedestal que sustenta a cruz, que vem assim a ficar a 300 pés do nivel do terreno!!!

À ultima badalada das nove horas, as portas do edificio se abriram de par em par, e assomou a ellas, vindo da parte de dentro, um official completamente uniformizado, mas de um modo um tanto extravagante em relação ao actualmente em uso, no exercito francez.

Com passos largos e seguros, como de um homem de tenção firme, que traz um destino certo e determinado, começou a marchar para a ponte de Jena.

É a luz brilhante dos reverberos da ponte que o inundaram de luz, que podêmos notar bem as discordancias extraordinarias d'aquelle personagem, que attrahia particularmente a attenção.

O talhe e côr do seu uniforme indicava pertencer á arma de caçadores; mas, além de não ser rigorosamente o de algum dos corpos francezes, estava bastante usado. O shako era substituido por um chapéo armado mui pequeno, posto transversalmente na cabeça, e um pouco carregado para os olhos; traz botas de montar, e, cousa tambem rara, não se lhe vê condecoração alguma!! Na physionomia nota-se-lhe a pallidez extrema da face, o nariz sobre o comprido e aquilino, a barba ligeiramente recurvada, e sobre tudo uns olhos vivissimos, de um fogo especial, e que são como a feição predominante n'aquelle semblante um pouco altivo, e que é coroadado por uma d'essas frontes vastas e espaçosas, que revelam incontestavelmente mais, muito mais do que o talento, — o genio.

À primeira vista o desconhecido parecia ter 52 annos de idade; no entanto, algumas rugas transversaes, sulcando-lhe profundamente a testa espaçosa, denunciavam ou largos desgostos moraes, ou annos muito mais adiantados.

Quando assomou ao principio da ponte, vinha vindo do lado opposto, a passos tardios e demorados, um pobre velhito dos seus setenta annos, mas a quem a disciplina militar e o largo tempo de serviço tinham imposto esse cunho especial, essa physionomia de soldado, que a idade não basta para fazer perder, — é necessaria a sepultura.

Quando o velho pôde distinguir bem o nosso desconhecido, parou extatico, como sob a impressão de um feliz encontro, e com a voz um tanto tremula, quer fosse pelos annos, quer pela emoção, disse fallando para si: um caçador da guarda!! E eu que cuidei, que da velha guarda restava eu só. Está feito, de tantos mil ainda existem dois... Não são lá muitos... ainda que, no tempo que ella era guarda, para dois de nós podiam vir 6 inglezes, 12 prussianos, 24 austriacos, 48 saxonios, 96 napolitanos, 192 soldados do Papa, e agora, pelo que vejo, 884 dos taes cossacos e moscovitas, esses verdadeiros sebellas, que só servem para os turcos fazer picado (o velho vinha entusiasmado do *boulevard des italiens* de ter estado a ouvir lèr na *Presse* a ultima derrota dos russos em Kalafat...) Mas elles algum dia não eram assim... levavam, mas tambem davam pancada de crear bicho...

Parou de repente no meio da sua preleção arithmetico-militar, e começou a vergar sobre os joelhos; tinha-se encontrado face a face com o desconhecido debaixo da luz de um reverbero, e como se não lhe podesse sustentar o olhar profundo, caiu de joelhos, tapando os olhos com as mãos, e com uma voz sumida, que passava da expressão do terror á da emoção, e da duvida á alegria, começou dizendo: — É elle... se o fosse... não é possivel... mas eu conhecia-o tambem! — E ficou absorvido nos seus pensamentos.

O homem do chapéo armado passou além; mas quer reparasse na commoção do velho, quer algumas de suas palavras lhe excitassem a curiosidade, cravou o tal chapéo até ás sobranceilhas, voltou para traz, e bateu ligeiramente no hombro do veterano. Este, como tocado por uma corrente electrica, levantou-se logo; uniu rapidamente os calcanhares, levou os braços aos lados do corpo, e esperou, perfilado, que o desconhecido lhe fallasse; o queixo é que lhe tremia um pouco, mas lá a cabeça, essa era firme como uma rocha, que elle ainda se recordava do que era algum tempo estar perfilado diante d'alguem.

— Fostes soldado do imperio, meu veterano?

— Fui soldado do imperio, do consulado e da republica, respondeu este com certa dignidade orgulhosa, mas com a maior submissão.

— Ha pouco fallaveis na guarda, fostes sempre da velha guarda imperial?

Terrivel palavra, que tal disseste; o velho, até alli firme, perfilado, exprimindo o mais profundo respeito, como se fallára a um alto personagem, de repente deu mostras da mais profunda insubordinação, desquadrrou-se, abanou a cabeça, mexeu com os braços, estendeu o beijo inferior, e, depois de um prolongado... *ui...* e como um homem que volta a si de uma illusão, disse ao desconhecido:

— Então o senhor é como elles agora por ahi, que cuidam que isto de ir servir na velha guarda, era a gente largar o gancho e a alcôfa alli em Montmartre, e ir logo lá assentar praça?... *Puh!* que isso fiava muito fino... e eu a principio que cuidei, que o senhor era cá... era cá uma pessoa que entendia d'estas cousas ás direitas.

— Ora sempre lhe quero dizer, que se passei para a guarda, foi por distincção na batalha d'Eylau... Todos os veteranos, por via de regra, foram uns valentes no seu tempo, replicou o desconhecido. Vamos lá, camarada, ereis do 28 de linha da brigada Levasseur?

O velho fez-se pallido até á raiz do cabelo, porque um ligeiro tom de ironia dava áquella pergunta tão simples os ares de epigramma.

— Era, sim, senhor, e tenho muita honra n'isso.

— Então o que? O regimento ficou lá quasi todo na véspera da acção?

— Forte duvida! Ao senhor se lá estivesse succedia peor ainda.

— Peior que morrer, camarada?

— Peior, sim, senhor, que nos meus tempos era fugir. Agora é que eu já não sei o que é melhor, nem o que é peor. Depois continuou com tom mais humilde: — Pelo que vejo, esta historia dos russos faz-me mudar lá da *casa* para Bicetre. Se vou ao *boulevard*, é meu compadre Friquet a gritar-me logo da porta: compadre, lá ficaram 15:000 estendidos em Kalafat. Vou dar a minha volta ás Tuilherias, parece que de pooposito, debaixo de cada arvore, está postado seu sugeito, um com o *Jornal dos Debates* lê alto quando eu passo: « o nosso correspondente particular de Vienna nos escreve, em data de 5, que ficaram 50:000 russos mortos em Krajowa. » Passo para diante, lê-me outro lo-

go na *Presse*: « O nosso correspondente particular de Vienna nos escreve, em data de 6, que estão 60:000 russos a arder no Bucharest. » Vou para diante, e lê de lá outro no *Constitucional*: « O nosso correspondente particular de Vienna nos escreve, em data de 7, que todo o exercito russo foi cortado em Cronstadt, morrendo 120:000 homens, perdendo 100 peças, 400 bandeiras, 500 carros de munições, tanto que já entraram 5 prisioneiros na cidade de Constantinopla!! » E agora esta historia, porque me faz endouecer, e me mette um ferro de mil demonios, é porque no tempo em que cá a guarda era guarda, quem lhe fazia suar o topete, e os unicos que lhe pregaram suas desfeitas, foram os russos, e agora o Friquet todos os dias em me vendo, lego me diz: ora, os taes da guarda, sempre eram uns papa-moscás: olha lá os turcos o que tem feito aos russos elles só; e saiba agora o senhor o peor: no tempo em que cá a guarda era guarda (estribilho favorito do veterano) nós não davamos duas folhas de tabaco por os taes patucos das calçotas. . .

— Nem eu tambem, resmungou o outro. . .

Depois disse-lhe em voz alta:

— Pois bem, vá uma aposta, se sois um bravo do imperio dizei-me os vossos serviços, e as acções em que entrastes, e dir-vos-hei o vosso nome.

— Vá feito, senhor, está dito.

— Eu estive em Montenote em Millessimo e em Dego; nas calçadas do Brenta, em Rivoli, e na Favorita; assisti á capitulação de Verona; estive tres dias nos pantanos d'Arcolli, d'onde salvei o meu general da morte; eu fui o primeiro, que depois de Lodi, lhe entrei a chamar — o *cabosinho d'esquadra*. No Egypto, estive nas grandes batalhas das Pyramides, no Thabor e El-Arish; o general dormiu encostado á minha mochila na véspera da batalha de Abouckir; eu estava ao

lado d'elle quando Kleber, agarrando-o pela cintura, lhe disse: general, sois grande como o mundo. Atravessei o grande S. Bernardo; em Marengo estive n'agua até aos peitos, batendo-me no Fontanone com os granadeiros de Latterman; eu vi quasi no fim da acção cair Dessaix mortalmente ferido por uma bala. Eu era a ordenança de Rapp na batalha d'Austerlitz. . .

— Basta, basta, João Patricio Coquenard, soldado n.º 128 do 2.º batalhão da velha guarda, pagareis a aposta. Tres vezes o imperador vos condecorou por sua propria mão, uma em Eylau, outra em Friedland, e a terceira na Moscowa, astres mais encarniçadas batalhas do imperio. . .

— É verdade, senhor; mas todas tres contra os russos, que o meu compadre Friquet diz que são uns papa-moscás.

— Deixa fallar o Friquet que é um tolo, respondeu o homem do chapéo armado, pegando com a mão fria e gelada nas mãos tremulas do pobre velho; sobre a ponte de Jena diz-vos o imperador Napoleão: *que é necessario muito cuidado com elles*. E desappareceu.

O velhito caiu como fulminado de um raio.

No outro dia pela manhã o ajudante do asylo dos Invalidos folheava o livro do registro, e lia alto:

« João Patricio Coquenard, antigo soldado n.º 128 da guarda imperial, — baixa ao hospital dos alienados de Bicetre, em 23 de dezembro de 1853. »

A sua mania é, que fallou ao imperador Napoleão na ponte de Jena, quando hontem vinha para o asylo, e que elle lhe dissera — *que era necessario cuidado com elles*.

*Opinião dos medicos.*

Está doudo confirmado.

N.



## NOTICIAS DO ORIENTE.

### COMBATES DE KALAFAT E CITALE.



a margem direita do Danubio e defronte da pequena Valachia, que existe por consequencia na margem esquerda d'este rio, está a praça forte de Widdin, que pertence aos turcos; esta praça communica com a aldêa de Kalafat, que lhe fica á esquerda por meio de uma ponte de barcas, estando a aldêa completamente fortificada, bem como a ilha que existe em o Danubio em frente mesmo de Widdin, e que tambem se acha ligada á margem esquerda por meio de outra ponte.

A estrada real de Kalafat para o Bucharest, capital da Moldavia, passa por Krajowa, ponto estrategico de grande importancia, por causa da ponte que possui sobre o rio Aluta, que não é vadeavel. É em Krajowa que os russos se têm concentrado, e d'onde formavam a sua base de operações para expulsarem os turcos da margem esquerda do Danubio, e limpar a pequena Valachia.

Entre Kalafat e Krajowa, a nove milhas inglezas distante do primeiro d'estes pontos, existe o logar de Citale, celebre pelos ultimos combates que alli tiveram logar, e que vamos descrever.

Desde o dia 30 de dezembro, que pequenas escaramuças entre os russos e os turcos, perto de Krajowa, annunciaram que iam ter logar mais serias acções; com effeito, desde esse dia a cavallaria ligeira russiana e os rifles começaram a sair na direcção de Kalafat, e a artilheria pesada para Karakal.

Continuaram estas ligeiras escaramuças até ao dia 6 de janeiro, em que uma divisão de 15:000 turcos saiu de Kalafat com 15 peças d'artilheria para atacar Citale, onde os russos tinham acampado com a intenção de atacarem Kalafat no dia 14. A perda n'esta oc-

casão parece ter sido muito grande de ambos os lados; a dos turcos não é ainda bem conhecida, a dos russos é calculada em mais de 3:000 homens.

Durante a acção chegou aos russos um reforço de 18:000 homens, vindos de Kanul para defender Citale, e ainda assim mesmo os turcos ficaram victoriosos. A noticia d'esta acção foi trazida logo para Vienna pelo correio, e d'alli transmittida pelo telegrapho para Paris e Londres.

Diz-se, mas carece de confirmação, que o Pachá que commandava os turcos n'esta acção fôra morto. A 7, o combate se renovou com igual vantagem para os turcos. A 8, teve logar uma serie de combates parciaes nmiamente sanguinolentos, que acabaram por uma completa derrota dos russos, que confessam nas suas proprias partes officiaes, ter perdido 1:000 mortos e 4:000 feridos; em o numero d'estes ultimos se contam os generaes Aurepe e Tuinot. A 9, a batalha recommçou com mais força, se é possivel, e os turcos, que já tinham avançado para lá de Citale, levaram os russos até Krajowa com immensa perda, deixando no campo quatro peças d'artilheria e um grande numero de mortos. A 10, os turcos retiraram para Kalafat.

Os russos prohibiram que circularassem nos principados quaesquer noticias a este respeito, e publicaram uma especie de boletim, dizendo, que tinham sustentado todas as suas posições.

Os hospitaes russianos estavam atulhados de feridos, que para não darem nas vistas da povoação, entravam de noite na cidade, o que ainda mais affectou a imaginação dos moradores.

A bayoneta e a carabina Minié foram as armas mais em uso em Citale, como em Olténitza, posto que a artilheria tambem tivesse uma parte importante na acção. Em Citale, como em Olténitza, tambem os officiaes russos soffreram consideravelmente.

Tendo-se levantado a nevoa, e quasi de todo desfeito o géllo, que havia no Danubio,

os turcos não têm encontrado as difficuldades, que ultimamente achavam para sustentar as suas communicações entre Kalafat e Widdin.



**Ação naval de Sinope.** — Tencionando dar em a nossa *Revista* uma descripção, quanto possível, exacta e detalhada das principaes acções que tiveram logar no Oriente, começaremos hoje com a importante batalha naval de Sinope, seguindo depois a acção de Oltenitza e a de Citale, que acima deixámos simplesmente mencionada.

A cidade de Sinope é situada, como se sabe, no Mar Negro, nas costas da Asia menor, e quasi defronte da cidade russiana de Sebastepol. Entrando no Mar Negro pelo lado do Bosphoro, Sinope fica por consequencia do lado direito, tem uma extensa bahia, que é defendida por algumas baterias do lado de terra, infelizmente mal artilhadas e peor servidas. Quando o general Sebastiani esteve em Constantinopla no tempo de Napoleão, a fim de preparar e aconselhar a defeza d'este paiz contra os inglezes, não lhe esqueceu a grande importancia d'este ponto, e são, talvez, d'esta data os restos de fortificação, que ahi existem.

Uma esquadra turca, destinada a levar munições e reforços ao exercito da Asia menor, saiu do Bosphoro e entrou no Mar Negro; mas desde este momento começou a ser separada pelo mau tempo; parecia que a esquadra russa tinha alguma noticia d'esta expedição, pois que constantemente procurou vigial-a, e não se distrahiu pelas manobras do resto da esquadra turca. O navio do Pachá commandante arribou a Sinope, e o mesmo aconteceu a alguns outros navios. O Pachá deu ordem aos vapores para irem em procura dos navios que faltavam, e conseguiram assim reunir-se todos. Estavam mal dispostos, e confusamente ancorados, quando, no dia 27 de novembro, duas naus e um brigue russo entraram na bahia, passaram ao alcance de tiro das peças turcas e saíram; mas ficaram cruzando no cabo Tuich. O brigue parece que foi dar parte ao grosso da esquadra russiana, ou em Sebastepol ou no mar, da posição e força da expedição turca. O Pachá, receiando ser atacado, fez algumas modificações na sua ordem de ancoragem, e de que nós vamos procurar dar uma idéa.

Imaginemo-nos entrados na bahia de Sinope, e exactamente virados para o Norte, a

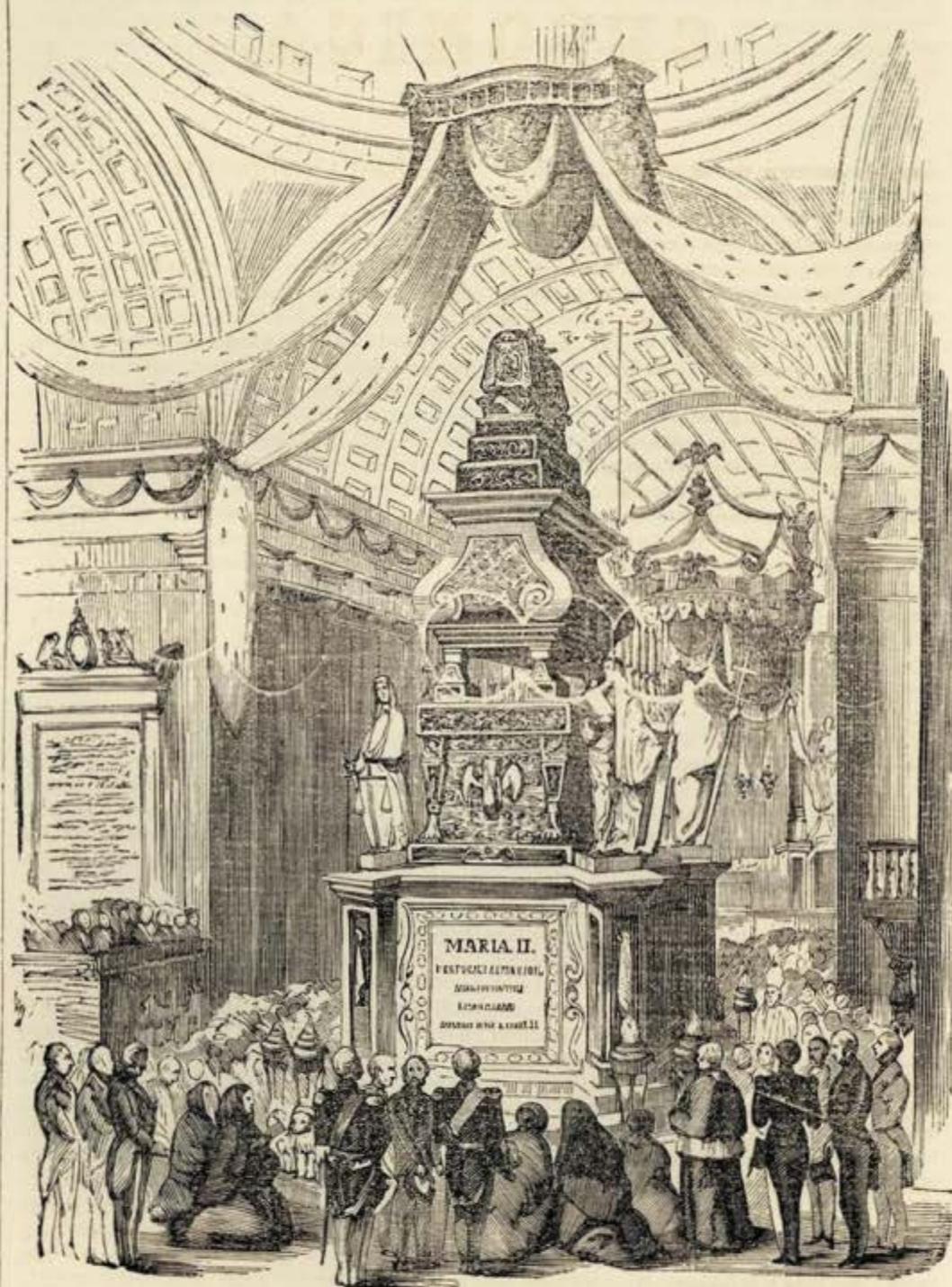
povoação e o molhe ficar-nos-hão logo em face; sobre a direita, prolongam-se algumas baterias destacadas de terra, e de que a esquadra, por sua posição, mui pouco auxilio pôde tirar. Á nossa esquerda, e direita, por consequente da povoação, existe um forte destacado, que fez fogo sobre a esquadra russiana, mas pouco prejuizo lhe causou pelo pequeno alcance dos seus canhões.

Exactamente paralelo á praia, defronte do molhe da povoação, e por consequencia estendendo-se n'uma linha curva, que se prolonga de Leste para Oeste, existe a armada turca pela seguinte ordem: — Quasi no centro da linha a fragata egypcia Dimiat, de 54 peças, com 500 homens de guarnição, e commandada por o proprio almirante Osman-Pachá; á direita d'esta a fragata Nagainia, de 60 peças, com 600 homens de guarnição, commandada por Kadry-Bey, e a bordo da qual se achava Hussein-Pachá; á direita d'esta a fragata Navick, de 52 peças, 500 homens, commandada por Aly-Bey; seguiam-se por sua ordem a barca Nedge-Jesan, de 24 peças, com 200 homens de guarnição; a fragata Nessim, de 52 peças, 500 homens de guarnição; e na extrema direita da linha, na altura do forte, que fica á direita da cidade de Sinope, a fragata Avimilah, de 36 peças, 400 homens de guarnição, sob o commando de Reschid-Bey. Á esquerda da fragata almirante Dimiat, e por consequente á esquerda da linha, estavam por sua ordem os seguintes vasos: a corveta Gul-Sefit, de 24 peças, com 200 homens de guarnição e commandada por Salvy-Bey; a corveta Fairi-Marbou, de 20 peças, 200 homens de guarnição e commandada por Ized-Bey; a fragata Faisli-Hah, de 40 peças, 400 homens de guarnição, e sob o commando de Ali-Nehir-Bey, e finalmente, no flanco esquerdo da linha, e na altura do primeiro forte á esquerda de Sinope, a fragata Kaid, de 50 peças, 500 homens de guarnição e commandada por Edhera-Bey.

Já se vê por esta disposição, que o flanco esquerdo da linha era o mais fraco, e a razão era porque este flanco tirava mais apoio das baterias de terra, ainda que já dissemos que este soccorro foi de mui pouca valia na acção.

No dia 30 de novembro, pelo meio dia, a esquadra russiana, composta de 3 naus de tres pontes, 2 fragatas de vela, e 3 vapores, entrou na bahia, e ancoraram defronte da esquadra turca, formando-lhe uma linha paralela pela ordem seguinte.

(Continúa.)



**VISTA DO INTERIOR DA IGREJA DE S. VICENTE  
NO DIA DAS EXEQUIAS DE S. M. A SENHORA D. MARIA II.**

# CHRONICA.

**EXEQÜIAS.** — Trataremos das exequias, que tiveram logar na igreja de S. Vicente de Fóra no dia 16 de dezembro, não só pela circumstancia de ser especialmente este numero dedicado á commemoração do desastroso acontecimento, que teve logar no dia 15 de novembro, como também por ser o assumpto da estampa, que apresentámos na pagina antecedente. — Era um espectáculo de um genero inteiramente especial, o que mostrava a igreja de S. Vicente no dia das exequias de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II. Ainda que acostumados á impressão das pompas religiosas, dos primores das invenções artisticas, e do gosto das decorações, mesmo assim nos surpreendeu o interior d'essa igreja, onde a imaginação dos srs. Rambois e Cinati soube dispôr quanto se pôde reunir para fazer effeito n'uma festa religiosa e funebre, em que era necessario que a religião fallasse á alma, a dôr ao coração, e a saudade ao pensamento: com effeito, a religião, a dôr e a saudade inspiraram effectivamente a imaginação dos artistas na distribuição que fizeram dos ornatos e decorações.

O desenho, que apresentámos na pagina antecedente, é tirado dentro da igreja, e no proprio dia das exequias; mas a gravura em madeira não permite reproduzir esse bello composto de ornamentos, nem mesmo dar uma idéa do effeito deslumbrante, que produziam as decorações; assim como é impossivel á pena do escriptor o descrever uma outra circumstancia, que tornava este acto realmente o mais digno e solemne, que se pôde imaginar, — era a verdadeira dôr que opprimia todos os concorrentes, e que, sem hyperbole ou lisonja, effectivamente se lia em todas as physionomias.

O prelado metropolitano, com o cabido, principiou as matinas ás 10 horas. El-Rei, Regente, El-Rei D. Pedro V, e o Infante Duque do Porto, chegaram quasi no fim do terceiro nocturno. A missa pontifical principiou pela uma hora proximamente, e a ultima absolvição acabou depois das 4 horas da tarde; prégou o reverendo padre José da Rocha Martins Furtado, que (quanto podémos ouvir) soube elevar-se á altura do assumpto. — O concurso foi numeroso.

## SERÕES ARTISTICO-LITTERARIOS.

O methodo de leitura repentina terá inconvenientes, terá algumas vantagens contestaveis; não será tão rapido, como seu auctor pretende, isso não discutiremos nós; mas o que ninguem lhe pôde negar, como uma vantagem incontestavel, e pela qual, ainda que fosse só, o julgâmos digno de toda a sollicitude publica, de toda a protecção e auxilio do governo e dos particulares, — é dar um impulso extraordinario á propagação da instrucção primaria, é obrigar a estudar esta questão, a discutir os methodos, a comparal-os, e por consequencia a escolher o preferivel.

O publico sabe avaliar bem os serviços prestados pelo sr. Castilho á civilização d'esta terra; na alma do poeta deve ter deixado uma impressão bem agradável aquelle ultimo serão, em que terminou o seu curso. O bello sexo não faltou a prestar a sua homenagem ao genio tutelar da infancia portugueza, foram mãos femininas as que lhe offereceram aquelle mimoso retrato bordado a matiz, e aquella medalha de ouro, em nome, segundo ouvimos, de alguns dos frequentadores do curso normal.

Um pequeno desgosto teve, comtudo, o illustre professor, um sectario do velho e antigo systema do *b, a, ba*, publicou sob o titulo de = *Carta a um professor d'aldêa*, = um pamphleto em que, passando da discussão franca dos methodos, que ainda se podia soffrer, para ataques e insinuações pessoas, procurou menoscar o credito do sr. Castilho. Em outro pamphleto, chistosamente intitulado, = *Tosquia de um camello*, = o injuriado auctor do methodo portuguez tirou o mais completo desforço do seu antagonista.

Sentimos, comtudo, que, ao vibrar as furiosas thesouras (que ficâmos respeitando), o nosso mestre, e permitta-se-nos dizer, que amigo, cortasse tão rente o pello do animal, que o deixasse em parte a escorrer em sangue. A mansidão evangelica casa-se melhor com a idéa da poesia; o protector nato das creanças deve, precisa ter uma paciencia mais que socratica; ao auctor anonymo de tal car-

ta grosseira, responde mais energicamente um dos serões artisticos dos Paulistas, que quatrocentas tosquias, ainda que lhe levassem o resto do couro, que o pello lh'o levou já de todo a primeira, e o sr. Castilho ficava aos olhos do publico o que é, e o que será sempre para elle, o seu poeta favorito, o seu genio da melancolia e da saudade, que todos procuram consolar nas torturas pungentes da sua desconsolada peregrinação por este mundo; com que todos sympathisam, com que todos querem aprender, e que nós os mancebos, que ao presente escrevemos e estudamos, reconhecemos por nosso mestre, e saudamos como aquelle que nos franqueára a todos o caminho para as letras, e nos creára o gôsto pelas musas.

## MODAS, THEATROS, PASSEIOS E ASSEMBLEAS.

### PRIMEIRA CARTA.

**A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, á condessa de L...**

**A** apaixonada tu, minha querida L\*\*\*, e apaixonada ha tres mezes!! É um seculo para ti, e, aqui baixinho, para quasi todas nós. Felizmente é... por um jornal, senão, quantos ciumes por essa Lisboa. Então estás apaixonada pela *Revista Estrangeira*? Pois lá vae um conselho d'amiga; não passes do jornal para os redactores; no seu tanto de litteratos não ha nada mais feio. Mas vamos adiante.

Recebi a tua carta, vejo que queres dar a tua protecção a esse jornal; desejas que elle contenha a noticia dos bailes, das funções, das *toilettes*, e do grande mundo de Paris; queres que traga os figurinos, as modas mais acreditadas na Chaussée d'Antin ou nas Tuilherias; á fé d'aquelles olhos azues, que vimos certa noite em Sitiaes, o teu jornal será o primeiro d'esse genero em Lisboa; sabes que é juramento que não posso infringir por modo algum. Mas por Deus, minha L\*\*\*, diz aos teus redactores, que nunca mais mandem fazer figurinos em Lisboa. Um lisboeta a illuminar figurinos, é um urso a dançar a polka, por mais volta que dê, sempre fica urso. Mandar-te-hei de Paris os melhores, e os mais bem acabados figurinos, e serão a elles, que as minhas cartas se hão de referir. Dize-lhes, por agora, que peçam mil descul-

pas aos seus assignantes, os quaes têm de esperar dos numeros, talvez da *Revista*, e depois verão, que uma viscondessa rapariga não sabe faltar ás suas promessas, salvo quando são... de fidelidade eterna.

Dizes tu, que os figurinos que a *Revista* apresenta no seu n.º 3, que se demorou até março, foram feitos para novembro, que apparecem de lucto, como uma especie d'agouro; paciencia, eu lhe direi as modas que hoje começam aqui, e que, por consequencia, irão a tempo.

A moda em Paris? Mas que te disse eu minha L\*\*\*. Creanças! Essas que pensam que todo Paris se curva ás indicações rigorosas de madame Sain-Roque, ou aos preceitos de mademoiselle Alexandrine. Creanças, essas que não se atrevem a alterar a direcção caprichosa de um requife, a posição de um laço, ou a *coupe* de uma thalma, julgando que por isso andam, como em Paris. Se tu estivesse aqui, que diferente idéa farias de tudo isto. A primeira cousa que não ha em Paris, que se não precisa, é a *moda*. Entendes?

Aqui não é a moda que faz a senhora, é a senhora quem faz a moda. A princeza M\*\*\*, por exemplo, se trouxesse um d'aquelles enormes chapéos de palha, que costumam trazer as festeiras da Senhora do Cabo no cyrio da Atalaya, ninguém haveria que não dissesse que era moda, e sabes porque, porque o genio da elegancia, esse nume tutelar das nossas bellas, lhe ensinaria o modo de o preparar, de o trazer, de o *apresentar*; auctorisal-o-hia por aquelle fogo de uns olhos inspirados, defendê-lo-hia pelas expressões de uma amabilidade infinita: os rasgos de um espirito elevado, uma conversação delectavel, chamaria logo a attenção do chapeo para a dona, circumdando-a de sympathias, de affectos, de adorações, faria crer impossivel o máu gosto em tão perfeita creatura, e quem se afastasse d'ella ficaria crendo, que eram moda em Paris esses enormes canecos de 70 covados d'aba e 20 varas de copa, a que os rapazes em Lisboa já apupam quando os vêem nas cabeças das pobres saloias.

Emancipae-vos da moda, elegantes lisboenses. Em Paris usa-se actualmente tudo que não é vulgar, ou rocoó. Um dito pôde supprir um laço; mas cem laços não suppreem um dito. Cercae-vos de prestigio, reinae nos salões, reinae pela amabilidade, pelo espirito, pela graça, e pela elegancia; dictareis então as modas em Lisboa, ou fareis que a moda seja o que vós usardes.

Para te satisfazer dir-te-hei, comtudo, que os chapéos actualmente mais em uso em Pa-



REVISTA ESTRANGEIRA.

ris, e verdadeiramente elegante, são mui pequenos com a aba deitada para traz e caindo immediatamente sobre a copa; tem duas plumas, prêsas quasi na extremidade da aba, cujo interior é enfeitado com uma bella grinalda de flôres, que varia segundo a côr, e destino do chapeo. Pois os chapeos têm destinos? dirá alguém! Sim, senhor. Não é preciso explicar-l'ò a ti, minha elegante *leoa* dos salões de Lisboa; mas sêl-o-ha para certas pessoas, que se persuadem que fazendo um chapeo em dia de Anno-bom, estão promptas até . . . dia de S. Silvestre.

Em Paris ha chapeos para sair em trem, para passeio, para visitas, etc., etc. Assim os primeiros, por exemplo, são actualmente de veludo azul-celeste, com ligeiros reflexos prateados, as plumas são azues; a grinalda é de flôres de filagrana de prata, entre as quaes se distinguem umas pequeninas campainhas de prata, tendo no centro um botão de perolas azues.

Para passeio, os chapeos são de setim branco com plumas (preferindo o *marabout*), com rufos ou fitas de veludo lavradas.

Para visitas, os chapeos são de setim côr de rosa, mui pequenos, com viezes de veludo da mesma côr, debruados de setim preto; na copa tem uns pequenos laços de fita escoceza preta e côr de rosa, na extremidade da aba, do lado direito, tem um laço um pouco maior do que os da copa e da mesma fita, e do outro lado uma bella rosa de cem folhas com a folhagem de veludo preto.

No que ha uma variedade immensa, e que se torna impossivel quasi de reduzir a um typo qualquer, minha querida L\*\*\*, é a classe immensa dos thalmas, punches, capirós, *sorties de bal*, etc. O infinito é nada em comparação d'esta variedade, e por esta hespanholada não creias que estou em Madrid, estou em Paris, e estou muito bem. Vou vêr, comtudo, se posso entrar em materia.

A fazenda para as primeiras é o que chamam *drap imperial* (panno imperial), que talvez possas achar n'alguns dos elegantes armazens do nosso Chiado. Este panno parece inventado pelo verdadeiro genio do bom gôsto, pôde dizer-se: *um panno sem ser panno*, tanto elle é *fino, lustroso*, e mais parecido á seda, do que a tecido de lã.

As guarnições e enfeites das capas, quando são d'este panno, são feitas de veludo, distinguindo-se com muita particularidade as flôres soltas de veludo preto, que lhe dão um lindo aspecto, parecendo bordadas sobre a capa.

Tambem se usam com muita especialidade

os *pardessus* feitos de veludo preto, e n'este caso, as guarnições são de plumagem preta. Com estas capas ou *pardessus*, as nossas elegantes usam regalos de veludo preto, forrados de pellucia com guarnições de *marthas*.

As *sorties de bal* da ultima *coquetterie*, reduzem-se a umas ligeiras capinhas de *gros de Tours* côr de rosa, guarnecidas de plumagem de *cysne*. O *cysne* é aqui reconhecido como o representante da mocidade, da candura e da belleza, é pois o ultimo apuro da *coquetterie* em os nossos *toilettes*. Estimarei que o seja ahi, onde me parece não escaceiam essas qualidades.

Os vestidos já se não usam mui compridos, nem com demasiada roda; os *corpos* continuam a ter abas; mas vão pendendo para uma variedade tão extraordinaria, que demonstra effectivamente, que a moda vae passar.

Presentemente vêem-se as saias com prégas largas em volta da cintura, e os *corpos* inteiramente afogados, outros enfeitados com tres ordens de botões, que, partindo da extremidade do decote, vem reunir-se quasi junto á cintura. As mangas são largas, e vae sendo muito adoptada a moda de as abrir do cotovello até ao hombro, tendo por baixo mangas de cassa ou cambraia. Ha-as quadradas com as costuras guarnecidas de um estreito galão, outras redondas e com as costuras guarnecidas de fita. No artigo mangas, minha querida, tudo é recebido, tudo passa. . . menos as de . . . as de mau gôsto, que é uma cousa que todos conhecem, mas que ninguem sabe dizer o que é. Os vestidos para baile são de *tule* (os mais da moda), é o que usava a imperatriz Eugenia no grande baile das Tulherias do dia 4.

Os ramos e as grinaldas para baile são de flôres de ervilha de cheiro, que a imperatriz soube igualmente pôr em moda. Não foi tão feliz com os mantós e as longas caudas: na minha carta seguinte, contar-te-hei esta historia, e os bailes e as funcções d'aqui. Dirte-hei as modas dos cavalheiros.

Pede aos teus redactores, que guardem mais espaço para as minhas cartas, que tenho muito a dizer-te; e pede-lhes que nunca mais dêem figurinos para luto, quando elle já tiver acabado. Senão olha que serve para se vestirem os convidados ao enterro. . . do seu jornal.

Toda tua

SAINT-PHALL.

